

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS CURSO DE
CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Luís Felipe da Silva e Souza

A indústria moveleira da microrregião de São Bento do Sul: contextualização histórica e
comportamento das exportações do setor

Florianópolis

2022

Luís Felipe da Silva e Souza

A indústria moveleira da microrregião de São Bento do Sul: contextualização histórica e comportamento das exportações do setor

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Econômicas do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.
Orientador: Prof. Dr. Lauro Mattei

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva e Souza, Luís Felipe da

A indústria moveleira da microrregião de São Bento do Sul : contextualização histórica e comportamento das exportações do setor / Luís Felipe da Silva e Souza ; orientador, Lauro Francisco Mattei, 2022.

83 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio
Econômico, Graduação em Ciências Econômicas, Florianópolis,
2022.

Inclui referências.

1. Ciências Econômicas. 2. Indústria Moveleira. 3. São Bento do Sul. 4. Exportações. I. Mattei, Lauro Francisco. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Econômicas. III. Título.

Luís Felipe da Silva e Souza

A indústria moveleira da microrregião de São Bento do Sul: contextualização histórica e comportamento das exportações do setor

Florianópolis, 27 de julho de 2022.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi aprovado com nota 6.0 pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Lauro Francisco Mattei, UFSC

Prof. Juliano Giassi Goularti, Dr.

Prof. Fred Leite Siqueira Junior - UFSC

Certifico que esta é a **versão final** do Trabalho de Conclusão de Curso que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Economia por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Prof. Lauro Francisco Mattei
Orientador

Este trabalho é dedicado ao Sr. Luiz Alcides Barbosa (in memoriam), meu avô e despertador da minha consciência política.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por sempre priorizarem a minha formação acadêmica e incentivarem minhas escolhas em detrimento do seu próprio conforto. Por diversas vezes estive ausente do convívio familiar para que pudesse me dedicar ao curso, espero agora poder retribuir todos os esforços que vocês tiveram para minha formação. Principalmente durante o ensino médio ainda em São Bento do Sul, mesmo sem condições financeiras me alocaram na escola do centro para que tivesse uma formação de melhor qualidade.

Agradeço a minha a minha namorada, amiga e professora Amanda Suelen por estar ao meu lado em todos os momentos difíceis sem deixar que eu desistisse da formação acadêmica. Obrigado pelas diversas vezes que me esperou chegar da faculdade com a comida no fogão, isso quando não era necessário aguardar o fim das minhas aulas até a 10 da noite na BU ou pelos corredores do CSE e ainda ter de ouvir as minhas reclamações sobre o curso, o trabalho, política e afins. Certamente sem a sua companhia eu não teria conseguido êxito na conclusão do curso.

Agradeço os meus professores que desde a minha infância me dotaram de capacidade intelectual para chegar a este ponto. Agradecimento especial ao meu Professor e orientador Lauro Francisco Mattei que desde meu primeiro semestre chamou a atenção para os problemas referentes a indústria moveleira de São Bento do Sul e a necessidade de um estudo aprofundado sobre o desempenho econômico da microrregião na última década. Além disso, Professor Lauro é referência e inspiração para a vivência acadêmica.

Agradeço ao Professor Fred Leite Siqueira que em cima da hora não só aceitou participar da banca, mas também (sem que fosse solicitado) fez toda a correção ortográfica da monografia e ainda indicou caminhos para que eu conseguisse desenvolver as considerações finais do presente trabalho. Fica meu eterno agradecimento, sua atitude de ajudar as pessoas sem esperar algo em troca será lembrada por toda minha vida.

Agradeço aos meus colegas de trabalho na Precicast por disponibilizar horas de dispensa para que eu pudesse me dedicar a esta pesquisa. Agradeço aos meus colegas de faculdade que durante o curso me passaram experiências sociais e fizeram do convívio um constante aprendizado para além da grade curricular.

RESUMO

Nesse estudo sobre a indústria moveleira da microrregião de São Bento do Sul abordam-se as especificidades da região desde a sua formação até os tempos atuais, verificando a desarticulação produtiva local e os motivos que impulsionaram esse movimento. O estado de Santa Catarina possui uma economia descentralizada ancorada em cadeias produtivas existentes em diferentes regiões do estado. A microrregião formada pelos municípios de São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre é caracterizada pela indústria moveleira, com diversos fornecedores desde a matéria-prima, partes especiais, pintura e montagem dos móveis. Tal indústria é um marco importante para a produção catarinense, sendo que a cidade de São Bento do Sul ficou conhecida como a capital nacional dos móveis a partir do impulso do setor à economia local. Até a crise econômica de 2008, a maior parte da produção dos móveis era destinada às exportações, sendo a indústria moveleira a principal fonte de ocupação da força de trabalho da microrregião. O presente trabalho procurou analisar a indústria moveleira da microrregião à luz de sua trajetória histórica, que tem início nos primórdios da colonização local, dado a alta disponibilidade de matéria-prima de boa qualidade na região e as imigrações de colonizadores com experiência na transformação desse produto. Conceituada a formação econômica da microrregião, na sequência analisou-se a evolução desse processo de industrialização até seu ápice na década de 1990, destacando-se os destinos das exportações e os fatores que favoreciam a comercialização no mercado internacional. Essa passagem permitiu identificar a participação da indústria moveleira regional nas exportações de Santa Catarina, bem como a mudança dessa estrutura após a crise econômica de 2008, uma vez que tal crise atingiu a economia dos países que importavam os móveis produzidos na microrregião. A partir dessa data teve início o período que denominamos de desarticulação da microrregião. Decorre daí a importância do estudo no sentido de lançar luz sobre os verdadeiros motivos que levaram à desarticulação da indústria moveleira e, conseqüentemente, da própria microrregião diante do papel relevante desse setor no desenvolvimento econômico local. Ou seja, a indústria que nasce na microrregião com base em pequenas empresas familiares tendo um baixíssimo custo de entrada, estabeleceu-se no mercado nacional e internacional e em poucos anos diminuiu pela metade o nível de exportação em relação ao período de prosperidade. Como resultado do estudo se observa uma queda da participação dos móveis no total exportado e, em contrapartida, um aumento da exportação de madeira bruta para transformação no país importador.

Palavras-chave: Microrregião de São Bento do Sul, Indústria Moveleira, Exportações

ABSTRACT

In this study on the furniture industry of the micro-region of São Bento do Sul, the specificities of the region are approached from its formation to the present time, verifying the local productive disarticulation and the reasons that boosted this movement. The state of Santa Catarina has a decentralized economy anchored in production chains existing in different regions of the state. The micro-region formed by the municipalities of São Bento do Sul, Rio Negrinho and Campo Alegre is characterized by the furniture industry, with several suppliers from raw material, special parts, painting and furniture assembly. This industry is an important milestone for the production of Santa Catarina, and the city of São Bento do Sul became known as the national capital of furniture from the sector's boost to the local economy. Until the 2008 economic crisis, most of the furniture production was destined for exports, with the furniture industry being the main source of employment for the micro-region's workforce. The present work sought to analyze the furniture industry of the micro-region in the light of its historical trajectory, which begins in the beginnings of local colonization, given the high availability of good quality raw material in the region and the immigration of settlers with experience in the transformation of this product. After conceptualizing the economic formation of the micro-region, the evolution of this industrialization process was analyzed until its peak in the 1990s, highlighting the destinations of exports and the factors that favored commercialization in the international market. This passage allowed us to identify the participation of the regional furniture industry in Santa Catarina's exports, as well as the change in this structure after the 2008 economic crisis, since this crisis affected the economy of the countries that imported the furniture produced in the micro-region. From that date on, the period we call the disarticulation of the micro-region began. Hence the importance of the study in order to shed light on the real reasons that led to the disarticulation of the furniture industry and, consequently, of the micro-region itself, given the relevant role of this sector in local economic development. In other words, the industry that is born in the micro-region based on small family businesses with a very low cost of entry, establishes itself in the national and international market and in a few years the level of exports decreased by half in relation to the period of prosperity. As a result of the study, a fall in the share of furniture in the total exported is observed and, on the other hand, an increase in the export of raw wood for processing in the importing country.

Keywords: Furniture industry, São Bento do Sul, Exports.

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO: TEMA E OBJETIVOS DO ESTUDO.....	11
1.1	Introdução	11
1.2	Objetivos.....	13
1.2.1	Objetivo Geral	13
1.2.2	Objetivos Específicos.....	13
1.3	Procedimentos metodológicos	13
1.4	Estrutura do trabalho.....	15
2	CAPÍTULO – DIFERENTES INTERPRETAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO ECONÔMICA DE SANTA CATARINA.....	16
2.1	Fernando Marcondes De Matos — A Industrialização Catarinense: Análise e tendências (1968).....	16
2.2	Maria Luiza Renoux Hering — Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: O modelo catarinense de desenvolvimento	22
2.3	Ondina Pereira Bossle — A história da industrialização catarinense: das origens a integração no desenvolvimento brasileiro (1988).	27
2.4	Alcides Goularti Filho - Formação Econômica de Santa Catarina de Santa Catarina (2002).	32
3	CAPÍTULO - FORMAÇÃO DA INDÚSTRIA MOVELEIRA DE SÃO BENTO DO SUL	40
3.1	Processo Histórico	40
3.2	Formação da Indústria Moveleira da Microrregião	48
4	CAPÍTULO – DA CONSOLIDAÇÃO DO SETOR À CRISE INTERNACIONAL.....	54
4.1	A constituição da indústria moveleira na microrregião de São Bento do Sul	54
4.2	Avanços e expansão até o ápice da indústria moveleira da microrregião	58
4.3	Processo de desaceleração após crise de 2008	62

5	CAPÍTULO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS.....	80
	ANEXO A – Exportações do mercado mundial de móveis.....	82
	ANEXO B – Atividades que mais empregam no município	83

1 CAPÍTULO: TEMA E OBJETIVOS DO ESTUDO

1.1 Introdução

A microrregião de São Bento do Sul localiza-se no Planalto Norte de Santa Catarina e é composta por três municípios: Campo Alegre, Rio Negrinho e São Bento do Sul. Segundo estimativas populacionais do IBGE de 2021, nesse espaço geográfico residem 140.986 habitantes. Em termos percentuais, São Bento do Sul responde por 61% da população; Rio Negrinho por 30% e o restante está domiciliado em Campo Alegre.

Registros históricos revelaram que a região era ocupada por nativos a cerca de 8 mil anos, sendo que nesses tempos remotos havia grupos caracterizados pela construção de sambaquis em formas de pirâmides, os quais eram utilizados para sepultar os mortos. Posteriormente, também, foi registrada a presença de grupos indígenas típicos da região Sul do país (TWARDOWSKY; BANDEIRA; GUEDES, 2022). Somente por volta de 1800 começaram a chegar os primeiros imigrantes oriundos de Portugal, por meio da capitania de São Francisco do Sul (FERREIRA, 2019).

Com a ocupação e expansão da colônia de Joinville em direção à floresta de araucária, como era conhecida a região onde se localiza a atual microrregião de São Bento do Sul, ocorreu a celebração de contrato entre o Governo imperial e a Sociedade Colonizadora visando à ocupação do Planalto Norte. A partir de então teve início um período de conflitos entre Paraná e Santa Catarina devido à grande abundância de matéria prima para a produção de erva mate, importante produto para as economias estaduais. O ápice desses conflitos resultou na Guerra do Contestado na segunda década dos anos de 1900. Todavia, deve-se registrar que, além da produção de erva-mate, havia o interesse, por parte da Sociedade Colonizadora, de comercializar as terras da região. E assim, ocorreram os primeiros movimentos de instalação de agricultores às margens do Rio São Bento. Cerca de 60 colonos saíram de Joinville e chegaram a São Bento chegando no dia 23 de setembro de 1873. A partir de então tem início a plantação de aipim, milho e feijão e ampliando as estradas para escoamento da produção. Os primeiros imigrantes eram poloneses, austríacos e alemães das regiões da Boêmia, Pomerânia, Prússia Ocidental e Oriental trouxeram consigo a religião e cultura católica. Assim, em 1874 estava formada, com aproximadamente 300 pessoas, a Colônia Agrícola São Bento, como era denominada inicialmente a área onde hoje se encontra a cidade de São Bento do Sul até as margens do Rio Negrinho. Segundo FICKER (1973) a

cidade de Campo Alegre, que fica entre São Bento do Sul e Joinville, não foi colonizada pelos alemães, pois, lá já habitavam brasileiros nativos do Paraná caracterizados pela criação de gado e pela produção de erva-mate. Por isso os colonos fixaram terrenos nos bairros Oxford e Lençol evitando conflito com os brasileiros estabelecidos em Campo Alegre.

Desde a chegada dos primeiros colonos, a principal atividade econômica da região era a produção de erva-mate e a extração da madeira, as quais posteriormente deram origem ao setor industrial na microrregião, cujo epicentro esteve ligado nas últimas décadas à indústria moveleira, setor que acabou sendo responsável pela dinamização econômica de toda microrregião, inclusive com elevada inserção na pauta exportadora estadual. Tal contexto foi favorecido pela alta disponibilidade de madeira de boa qualidade na região, principalmente de araucárias e outras madeiras de grande apelo comercial.

O desenvolvimento e expansão da atividade industrial moveleira será objeto de um capítulo específico desse estudo. Por enquanto basta registrar que pequenas empresas formadas no início do século XX chegaram ao final do mesmo como grandes produtoras e exportadoras de móveis. Tal processo resultou na conformação da principal indústria moveleira de Santa Catarina, o qual direcionou grande parte de sua produção para o mercado externo, sendo que França, Holanda, Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos eram os principais destinos dos produtos moveleiros, sendo que ao final da década de 1990 mais de 30% do total exportado era direcionado aos EUA, destacando-se que em 1995, ano do ápice das exportações, esse país respondeu por 55% das exportações de móveis dessa microrregião.

Todavia, a partir de 2008, com a greve crise econômica que atingiu a economia global, a microrregião foi duramente afetada, uma vez que ocorreu uma queda brusca das exportações de móveis, especialmente para os Estados Unidos, país que era o principal gerador de receitas para o setor moveleiro local. Com isso, após conviver com um verdadeiro “boom comercial” nos anos de 1990, a partir da crise de 2008 observou-se uma notável desaceleração na produção regional, a qual foi impulsionada pela queda das exportações da indústria moveleira. Por outro lado, os baixos investimentos em tecnologia tornaram a indústria desse parque fabril ultrapassada e de baixa produtividade, fazendo com que a microrregião perdesse rentabilidade comparativamente a outros fabricantes de móveis, tanto no país como no exterior.

Nesse contexto, é necessário estudar os reais motivos que levaram à desaceleração das exportações de móveis e sua consequência sobre o crescimento econômico da microrregião, especialmente no período posterior à crise econômica de 2008. Assim, entende-

se que esse estudo poderá elucidar outros elementos responsáveis pela desarticulação da estrutura econômica microrregional nas duas últimas décadas, uma vez que tanta a redução da participação desse setor industrial no PIB catarinense como a existência de elevado grau de desemprego são marcas das mudanças ocorridas na região após a crise de 2008.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar a formação e evolução da indústria moveleira da microrregião de São Bento do Sul, destacando os impactos da crise econômica de 2008 sobre as exportações do setor.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Sistematizar as diferentes interpretações da formação econômica de Santa Catarina à luz de um conjunto de autores consagrados na historiografia econômica catarinense;
- b) Descrever a formação da indústria moveleira da microrregião de São Bento do Sul, destacando os fatores que favoreceram sua inserção no mercado externo;
- c) Analisar os dados do comércio exterior da microrregião de São Bento do Sul visando identificar trajetórias distintas no comportamento e composição das exportações.

1.3 Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada neste trabalho se caracteriza quanto aos objetivos gerais e específicos como uma pesquisa descritiva, uma vez que procura descrever e interpretar os fatos que levaram à desarticulação da indústria moveleira, especialmente os impactos na economia microrregional, bem como os efeitos sobre as exportações da microrregião de São Bento do Sul. Segundo Munhoz (1989), a pesquisa científica inclui a forma como um indivíduo realiza pesquisas com base em determinados métodos que lhe permitem compreender fenômenos explicativos das inter-relações na sociedade. A busca pela causa e efeito, permite fórmulas para guiar a dinâmica transformadora (MUNHOZ, 1989). Para Gil (2000, p. 62), a “pesquisa deve ser entendida como o processo de utilização de meios científicos para a solução dos problemas propostos”. Assim, no segundo capítulo apresenta-se

um caráter explicativo, já que se busca analisar o conjunto de fatores que determinaram a formação econômica de Santa Catarina (GIL,2010).

Do ponto de vista da abordagem geral, será utilizada a pesquisa qualitativa, mas a pesquisa quantitativa também será utilizada como análise empírica do tema e para fornecer precisão para a análise qualitativa (GIL, 2010). Para Triviños (1987), a pesquisa qualitativa é o oposto da pesquisa quantitativa, mas ambas se complementam podendo ser usadas para fornecer melhor precisão ao estudo. Portanto, essa pesquisa pode ser caracterizada como quali-quantitativa; qualitativa por seu caráter descritivo e indutivo baseado numa análise da histórica da indústria moveleira da microrregião e a conjuntura das exportações realizadas pelo mesmo, enquanto os aspectos quantitativos dão suporte às interpretações gerais da temática em apreço.

Quanto à abordagem técnica, realizou-se um levantamento bibliográfico e documental com consultas em livros produzidos sobre o tema da economia catarinense que podem contribuir, de alguma maneira, para uma melhor compreensão do fenômeno central da pesquisa. Além disso, artigos, teses e dissertações relacionados à microrregião de São Bento do Sul serviram de referência em nossas análises. Do ponto de vista da análise quantitativa, foram utilizados dados do IBGE, bem como informações disponíveis no site do Governo Federal elaborados pelo Comex Stat e as séries temporais disponibilizadas pelo do Banco Central. Por fim, também foram utilizados dados sobre a balança comercial em valores reais disponibilizados pelo SEBRAE.

Assim, os dados e informações coletadas nessas diversas fontes coletados são apresentadas tabelas e gráficos visando deixar uma melhor visualização dos resultados obtidos. Para tanto, foi necessário elaborar gráficos específicos, como os que mostram a evolução das exportações ao longo dos anos para a microrregião em análise. Neste sentido, os dados usados nas análises das exportações por municípios gerados pela Comex Stat foram contabilizados em dólares americanos. Além disso, foi necessário contabilizar os dados do IBGE pela moeda nacional para que se obter a relação entre a balança comercial e o PIB da microrregião. Desta forma, foi possível mensurar a participação das exportações dos móveis na economia local, destacando-se o impacto da queda da demanda externa na renda local.

1.4 Estrutura do trabalho

O trabalho foi dividido em cinco capítulos entre a introdução e as considerações finais. No primeiro capítulo apresenta-se o tema de estudo com os seus objetivos e o procedimento metodológico. No segundo capítulo foram apresentadas as diferentes abordagens sobre a formação econômica de Santa Catarina desde sua colonização até a industrialização.

No terceiro capítulo discutiu-se o processo de formação econômica da microrregião de São Bento do Sul. Neste capítulo se evidenciou que desde a chegada dos imigrantes à microrregião, teve início um processo de reaproveitamento dos rejeitos de madeira oriundos da atividade de extração da erva-mate. A partir das experiências dos colonos no processamento da madeira surgiram as primeiras marcenarias e serrarias que mais tarde dariam origem à indústria moveleira. A industrialização ocorre com o crescimento da demanda interna impulsionada pela segunda guerra mundial devido aos bloqueios comerciais com os países envolvidos no conflito global. Soma-se a esse fato a política desenvolvimentista do governo federal que implementou o Plano Nacional de Habitação. Todos esses fatos foram decisivos para a expansão da indústria moveleira na microrregião de São Bento do Sul.

No quarto capítulo se evidencia a consolidação do setor moveleiro no mercado externo. No final da década de 1980 a crise inflacionária no Brasil provocou uma desaceleração do mercado interno com impactos negativos sobre o no setor moveleiro. Além disso, nesse período ocorre a aversão à utilização de móveis no estilo colonial no Brasil. A saída para a indústria local foi se inserir no mercado externo, processo que acabou favorecendo as empresas locais pelo fato das mesmas utilizarem o pinus como matéria prima.

No capítulo cinco consta as considerações finais do trabalho, destacando-se os principais resultados e as indicações temáticas para futuras pesquisas sobre o assunto.

2 CAPÍTULO – DIFERENTES INTERPRETAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO ECONÔMICA DE SANTA CATARINA

No presente capítulo foi elaborada uma revisão da literatura sobre a industrialização de Santa Catarina, bem como de sua formação econômica, respeitando-se a ordem cronológica das obras consideradas. Primeiramente foi sintetizada a contribuição de Fernando Marcondes de Mattos a partir do livro “A industrialização catarinense; análise e tendências” (1968). Nesta obra, o autor demonstra, por meio de indicadores econômicos muito utilizados na análise de desenvolvimento baseado nos estudos da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), que Santa Catarina não era tão industrializada como se pensava.

Após essa importante contextualização, vamos nos aprofundar nas origens da indústria catarinense, primeiramente revisando o registro histórico da autora Maria Luiza Renaux Hering, no livro “Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento” (1987) o qual contribui com o debate sobre a influência da imigração alemã na industrialização catarinense. O livro conta com ricos detalhes históricos sobre o surgimento das primeiras indústrias têxteis do Vale do Itajaí, porém é insuficiente para entender os motivos que levaram à formação de diferentes setores produtivos no estado de Santa Catarina.

Para embasar essa análise vamos considerar também a obra de Ondina Pereira Bossle exposta no livro “A história da industrialização Catarinense: das origens da Integração no desenvolvimento brasileiro” (1988). A autora argumenta que diferentemente dos estados brasileiros que se industrializaram mais cedo, os quais desenvolveram sua indústria através de recursos transferidos da atividade cafeeira, Santa Catarina possuía um movimento isolado e diferenciado.

Para finalizar a revisão sobre a formação econômica de Santa Catarina sistematizou-se a obra de Alcides Goularti Filho explicitada no livro “Formação Econômica de Santa Catarina” (2002). Esta obra colabora com o debate analisando a economia catarinense desde sua formação até os anos de 1990.

2.1 Fernando Marcondes De Matos — A Industrialização Catarinense: Análise e tendências (1968).

Fernando Marcondes de Matos traz em seu livro uma análise da industrialização Catarinense com uma perspectiva cepalina, grupo de autores que baseiam suas análises através dos estudos da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe). Essa análise é focada nos dados da renda interna de Santa Catarina entre os anos de 1949 até 1964. Nos apresenta uma importante separação na análise dos dados, dividindo a produção do estado entre os setores primário (agricultura), secundário (indústria) e a terciária (serviços).

Em Santa Catarina no início dos anos de 1960, a participação do setor secundário da economia sempre foi abaixo da média nacional. O autor também demonstra preocupação com a baixa produtividade comparada aos dados nacionais e aos países europeus. A aplicação da mão de obra também é motivo de preocupação dado que a maioria se encontra em serviços e agropecuária. Nesse contexto Matos (1968) se propõem a realizar um estudo voltado a pesquisa de soluções, para que, através do poder governamental seja estabelecida uma política industrializante no Estado.

O livro traz um enfoque para que a ação governamental dirija o desenvolvimento econômico. O autor trata que o crescimento e o desenvolvimento se pautam em expandir a renda nacional superando o aumento do crescimento populacional e sendo suficiente para crescer a renda per capita acima de dois e meio por cento ao ano, números indicados pela ONU. Além disso, o desenvolvimento tem como definição aumentar a produção, diminuindo as desigualdades e combatendo as discriminações. Existe um paradigma sobre a forma de atingir o desenvolvimento econômico, o confronto entre duas vertentes de economia política: Os países deveriam obedecer a lei das vantagens comparativas; ou então, deveriam proteger as suas indústrias da competição internacional.

A lei das vantagens comparativas define que as nações deveríamos se concentrar em produzir aqueles bens em que possuem domínio técnico e produtivo minimizando os custos de produção, exportar os seus excedentes em trocas de outros produtos, que poderiam ser usados no consumo interno. Outros produtos os quais o seu país não consegue produzir ou produziria com custo mais elevado. Dessa forma haveria uma divisão Global do trabalho em um nível mais elevado, maximizando a produção mundial. Assim os países desenvolveriam suas atividades através das vantagens naturais que possuísem e naturalmente as indústrias apareceriam.

A visão cepalina entende que essa lei foi a responsável por gerar os desequilíbrios do comércio internacional na medida em que se avança a complexidade da produção de bens manufaturados e aumenta-se a demanda por eles, os países que produzem apenas matérias-

primas e bens do ramo alimentício acabam não aumentando a sua produtividade no longo prazo. É inevitável que o desenvolvimento passe por um aumento da produtividade. Conseqüentemente os países que têm vantagens comparativas no setor primário acabam voltando os seus recursos para investir na produção de bens manufaturados até buscando alternativas para a substituição das importações e políticas as quais protegem as suas indústrias nascentes.

Os países com a maior renda per capita possuem o setor secundário como o mais participativo. Ou seja, no início dos anos de 1960, período contemporânea ao livro em questão, os dados apresentados por Matos (1968) demonstram que os países com os maiores PIB per capita, cerca de 44% dos produtos eram oriundos da indústria, 46% dos serviços e 10% da agricultura. Segundo Matos (1968) em Santa Catarina no ano de 1960, 50,4% do produto era fruto do setor primário, 20,7% do secundário e 28,9% do terciário. A indústria era o último setor em participação na renda do Estado enquanto a agricultura era o primeiro e com mais da metade da renda de Santa Catarina. O Estado ficava muito abaixo até mesmo do Brasil, onde 28,2% da renda vinha da agricultura enquanto 25,8% vinham da indústria e 46% do serviço.

Após apresentação desses dados o autor demonstra preocupação quanto a deterioração dos termos de troca a longo prazo e com o fato da produtividade do estado ser menor que a do Brasil. Nesse contexto Santa Catarina teria problemas em comprar produtos de outras unidades da Federação e seus excedentes ficam à mercê das oscilações de preço que não ocorrem uniformemente em todos os estados do Brasil.

Matos (1968) também traz dados relatando que em 1947 a participação da renda interna de Santa Catarina no total do Brasil era de 3%, em 1960 esse número caiu para 2,7%. Dentre todos esses anos o número mais baixo foi em 1951, onde o estado teve apenas 2,3% de participação da renda. Já no produto Real em 1947, Santa Catarina tinha uma participação de 3,1%, em 1960 esse número ficou em 2,9%, o pior resultado do Estado durante esses anos foi em 1949 com 2,7%.

Segundo Matos (1968) a distribuição do emprego em Santa Catarina por atividade em 1960, 67,4% trabalhava no setor primário, 12,8% no setor secundário e 19,8% no setor terciário. Esse número sofreu uma alteração em relação a 1940, quando 79,3% eu trabalhava no setor primário 8,7%, no setor secundário e 12% no setor terciário. Em 1964 a participação do emprego Industrial do total da população economicamente ativa era de 8,26%.

Sobre as atividades manufaturadas de Santa Catarina, Matos (1968) destaca as indústrias têxteis que ocupam posição de destaque, as primeiras atividades do ramo já se encontram desde a chegada dos portugueses ao estado. Porém, somente em meados de 1908 no município de Brusque começa a produção em maior escala. A indústria Têxtil de Santa Catarina passou por vários estágios desde a chegada dos Colonos que por necessidade transformavam os produtos que colhiam, primeiramente atendendo a demanda doméstica e aos poucos expandindo sua produção e desenvolvendo o processo de fabricação. Para o autor a consolidação econômica do ramo em Santa Catarina se deu após a Primeira Guerra Mundial, consequência da falta de mercadoria no mercado, especialmente de tecidos devido o bloqueio das importações dos países em guerra que não fossem aliados.

Segundo Matos (1968) em 1959, indústria Têxtil se dividia proporcionalmente entre a Fiação e Tecelagem (51%), Malharia (29%), Artefatos têxteis nas fiações de tecelagens (12%), artigos de passamaria, filós, rendas e Bordados 7%. A média de Operários ocupados por estabelecimento era de 85, enquanto a média no estado para todos os setores era de 9,4. No Brasil a média era de 71 Operários por estabelecimento têxtil, dados do ano de 1959. Outro ponto importante é que o número da produtividade média por Operário era de NCr\$ 174, enquanto a média para os demais estabelecimentos em Santa Catarina NCr\$ 215 e das indústrias têxteis no Brasil NCr\$ 211.

Uma explicação para o desequilíbrio entre a participação do ramo no produto (17,3%) e a absorção de mão de obra total do Estado de (21,4%) é a densidade de mão de obra e uma baixa utilização de capital, caracterizando uma baixa composição orgânica do capital segundo os dados apresentados por Matos (1968). Em uma análise da CEPAL sobre o setor, foi constatado que a indústria brasileira utilizava equipamentos obsoletos e de baixa produtividade, o que acarretava uma dificuldade para os tecidos nacionais adentrar no mercado mundial, Santa Catarina até possuía algumas instalações modernas. Além disso, diferentemente de outros setores da indústria onde o seu crescimento no Brasil depende de fatores autônomos como, por exemplo, a substituição de importações, o crescimento do setor Têxtil depende do aumento do PIB per capita e do consumo de bens não duráveis, ocasionado uma baixa tendência de crescimento tanto em produtividade quanto em renda. Estado se torna caracterizado como exportador de bens de consumos não duráveis e importador de bens de consumos duráveis

Na produção alimentar em Santa Catarina outros produtos lograram uma grande projeção após a inclusão da Primeira Guerra Mundial: o "beneficiamento de cereais, moagem

de trigo, fabricação de féculas e farinha da Mandioca(...) o abate de animais, preparação de carnes e fabricação de toucinho banho porco". Outro destaque importante é o ramo da madeira, a qual correspondia por um quarto do produto Industrial Catarinense em meados de 1960. Porém, já existia uma preocupação com o aumento da ocupação do território Catarinense e também do desmatamento florestal, além do desperdício e a baixa produtividade da exploração.

Por último Matos (1968) ainda se destaca as indústrias da Mecânica, Metalúrgica e de Materiais Elétricos. Segundo Matos (1968) em 1959, a Metalurgia empregava 7,7%, o setor mecânico 2,3% e elétrico 0,9% da mão de obra do setor industrial Catarinense. A produtividade média por Operário nos demais Ramos estaduais era de NCr\$ 215, a metalurgia correspondia a NCr\$ 251, a mecânica NCr\$ 194 e material elétrico NCr\$ 534. Enquanto no mesmo ano a média brasileira na Metalúrgica era NCr\$ 420, mecânica NCr\$ 376, material elétrico NCr\$ 478. Chama atenção do autor abaixo a produtividade do ramo mecânico no estado, e ele classifica como extraordinário desempenho da indústria de material elétrico.

Dessa forma, segundo Matos (1968) a estrutura da produção industrial Catarinense em 1962, era dividida principalmente entre: Madeira (26,8%), Têxtil (20,8%) e Produtos Alimentares (14,6%). Bem diferente dos principais ramos industriais do Brasil no mesmo ano: Químico (19,0%), Metalúrgico (10,1%), Produtos Alimentares (12,8%), Têxtil (11,7%) e Material de transporte (12,0%). Esses números demonstram no setor um baixo grau de diversificação e uma economia muito menos desenvolvida do que a brasileira.

Segundo Matos (1968), mantendo esse panorama a longo prazo, Santa Catarina ficará abaixo do ritmo do crescimento brasileiro, pelo fato de que os principais setores possuem uma baixa produtividade em comparação aos principais ramos da indústria do Brasil. Essa preocupação vem da concepção do autor de que o desenvolvimento passa pela expansão de setores dinâmicos em deterioração de setores tradicionais da economia. Sendo que, há uma tendência dos setores dinâmicos a se expandirem num ritmo mais acelerado do que os ramos tradicionais.

Nos anos analisados pelo autor Santa Catarina ficou atrás dos dados do Brasil em relação à produção em setores dinâmicos e setores tradicionais. Matos (1968) apresenta um estudo que comprova que no Brasil um acréscimo de 1% na produção dos ramos tradicionais, traz um aumento de 2% na produção dos ramos dinâmicos. Já em Santa Catarina essa relação cai de 1% para 1,5%, devido à baixa produtividade da indústria catarinense acarretando um ritmo de crescimento econômico mais lento a longo prazo.

Matos (1968) considera que durante os anos de 1950 onde o Brasil fortificou o parque industrial, Santa Catarina deveria ter dado mais ênfase a produção de bens e capital e intermediários. Para ele faltou por parte das autoridades públicas e dos próprios industriais uma consciência do processo de transformação industrial que atingia o país e definir os objetivos para o desenvolvimento econômico em Santa Catarina. Perdendo uma ótima oportunidade de se firmar na produção de ramos modernos e alterar a sua estrutura industrial com condição de sustentar o seu crescimento ocasionaram esse movimento: às implicações políticas relacionadas a setores de bens de capitais não duráveis.

Matos (1968) concluiu o livro indicando as diretrizes para o desenvolvimento industrial do país e qual estratégia deve ser adotada para o triênio de 1968 a 1970. Ele argumenta que são as mesmas diretrizes sugeridas pelo Ministério do planejamento: crescimento do PIB em torno de 6% ao ano, a diversificação dos setores dinâmicos e o desenvolvimento industrial. Este último depende da expansão do mercado interno, da substituição das importações e a promoção das exportações. As diretrizes devem se concentrar esforços para atingir uma rápida expansão do número de setores dinâmicos, principalmente em bens de capitais e intermediários, modernizar a indústria tradicional, consolidar a indústria básica de bens e capital da indústria mecânica e elétrica, tornar vantajoso o desenvolvimento incentivando a exportação. Outro ponto estratégico é incentivar a criação científica e tecnológica e a poupança financeira para investimento real.

Para isso é necessário priorizar a compreensão e redução de custos de insumos básicos, incentivar o desenvolvimento científico e tecnológico e ampliar as pesquisas em recursos minerais. Na visão do autor é necessário que o estado seja capaz de dotar o Empresário com as condições essenciais para uma participação ativa no programa de industrialização do país e assegurar uma condição de financiamento e empréstimos, criar mecanismos para que o ele possa se associar a grupos estrangeiros formalizando investimentos em projetos industriais. O desenvolvimento econômico nacional deve ser financiado por bancos oficiais e programas de modernização e fusão de empresas ligadas aos setores tradicionais mantendo o controle sobre a iniciativa privada.

É de extrema importância que haja uma "seleção de atividades modernas existentes dentro do próprio grupo tradicional" (MATOS, 1968) um dos exemplos utilizados pelo autor é a industrialização da madeira de forma nobre. O autor indica também a produção de máquinas e ferramentas, dado que esses bens são importados e a demanda poderia ser deslocada para o país. Esse processo passa pela fabricação de peças fundidas e forjadas, máquinas pesadas e

produzidas em pequenas séries, além de motores, transformadores do ramo de material elétrico.

Para Matos (1968) é importante modernizar o parque industrial substituindo os equipamentos obsoletos por de tecnologia mais avançada, além de adoção de métodos administrativos elaborados e científicos através das fusões da concentração das Indústrias e recursos financeiros. O Capital Humano deveria contribuir através da formação técnica, o hábito da pesquisa e desenvolvimento de tecnologia com a participação das Universidades e Fundações com perfis industriais. Esse movimento passa pela criação de institutos de Pesquisas industriais formados pelas universidades aprofundando não só a inovação tecnológica, mas, também desenvolvendo a indústria com autonomia financeira.

A obra de Fernando Marcondes de Matos contribui para entendermos a posição da indústria catarinense dentre os estados brasileiros. Diferente do credo popular, Santa Catarina apresentava até então dados abaixo da média nacional e a industrialização no estado era de baixa produtividade, pouca inserção no mercado externo e de dependência do setor primário. Entendido isso vamos entender as condições que determinaram a formação industrial de Santa Catarina. Que diferente dos principais estados brasileiros onde a formação industrial se dá através dos acúmulos de capital do setor cafeeiro, em Santa Catarina a industrialização acontece através da exploração do setor primário e cada região especializada em setores distintos.

2.2 Maria Luiza Renoux Hering — Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: O modelo catarinense de desenvolvimento

O livro “Colonização no vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento” (1987) de Maria Luiza Renoux Hering aborda o desenvolvimento econômico de Santa Catarina tendo como o ponto de partida a obtenção de recursos através do mercado interno. A autora rompe com o pensamento Cepalino, o qual, ela classifica que serve somente para afirmar que o desenvolvimento em Santa Catarina surgiu apenas para suprir a demanda por insumos dos núcleos exportadores já estabelecidos na economia brasileira. Ela cita Wilson Cano, que se referia à industrialização do Extremo Sul como resultado de uma condição dada pela expansão da indústria Paulista a partir da década de 1890, hipótese descartada pela autora.

Com foco na indústria têxtil se apresenta uma nova forma de se atribuir o desenvolvimento econômico em Santa Catarina, apresentando características próprias através da evolução produtiva, dado o isolamento regional Santa Catarina o qual limita sua produção ao mercado interno catarinense gerando recursos próprios e possibilitando a expansão econômica. Esse movimento ocorre em paralelo ao desenvolvimento da indústria de São Paulo.

Na visão da autora a indústria têxtil se desenvolve com recursos próprios e independentes de relação com o governo, sem subsídios, isenções fiscais ou licenças especiais e não existiam instituições bancárias capazes de colaborar com o desenvolvimento. A autossuficiência e a solidez empresarial capacitaram o mercado catarinense a resistir conjunturas difíceis, através da própria poupança do empresário local, gerando capital suficiente para a expansão.

A autora compara a expansão da indústria têxtil Catarinense com a teoria do desenvolvimento econômico de Schumpeter, no qual o empreendedor se torna um agente de transformação econômica quebrando com o conceito pré-existente de produção levando a uma nova forma de se produzir. No entendimento da autora os empresários da Indústria Têxtil romperam com o modo de produção pré-existente. Porém, o que se avalia é que na realidade os mesmos apenas importam Capital Fixo com tecnologia ultrapassadas na Europa (muitas vezes usadas e obsoletas para os europeus) contando com o conhecimento adquirido no local de onde vieram. Sendo assim essa característica de inovação não compete ao mesmo método que Schumpeter trata em sua teoria. Porém, essa análise é particular do autor desta monografia e não condiz com o pensamento da autora que por diversas vezes afirma no texto semelhanças entre o desenvolvimento da indústria têxtil no Vale do Itajaí com a teoria de inovação de Schumpeter.

A autora identifica três fases distintas no processo de desenvolvimento industrial no Vale de Itajaí: 1) A primeira de 1820 até 1880, um período demarcado pela chegada dos primeiros imigrantes e pela organização agrícola. 2) Entre 1880 e 1914 com o surgimento das primeiras indústrias catarinenses. 3) Entre 1914 e 1945, enfatizando um período de forte expansão das empresas têxteis do Vale de Itajaí. Para a autora, os imigrantes teriam trazido com eles uma mentalidade que presava pela ética, destacando três fatores essenciais: economia, moderação e autocontrole.

A primeira fase tem início a partir da chegada dos primeiros imigrantes em Santa Catarina. A primeira colônia alemã foi situada na cidade de São Pedro de Alcântara, ela

contou com uma fase de cortes no orçamento do governo federal o qual aboliu as despesas com colonização estrangeira dificultando o desenvolvimento da colônia. Nesse contexto a imigração alemã também se articulou entre toda a região de Desterro focada no processo de produção agrícola. Após a ocupação da região Desterro, a colonização alemã se deu início em outras regiões do estado, o Vale do Rio Itajaí e o Nordeste Catarinense, onde hoje se situam as cidades de Blumenau, Joinville e Brusque. Essas foram as primeiras cidades a receber imigração alemã nessa região do estado. Em 1851 foi fundada a Colônia Dona Francisca em Joinville.

Nessas três colônias foram dados os pontos de partida para as comunidades (até então totalmente dedicadas à agricultura) se tornarem base para a industrialização catarinense. Joinville se destacou na transformação de metais, Blumenau e Brusque se especializaram no ramo Têxtil. Já na década de 1860 se destacam alguns estabelecimentos industriais nas colônias Dona Francisca, Blumenau e Brusque com destaque para as serrarias, cervejarias, Olaria, telhas de cobertura e fabricação de charutos.

Inicia-se a segunda fase chamada denominada como o nascimento da indústria Catarinense entre os anos de 1880 até 1914. Até o início desta fase o produto principal da economia do estado era a farinha de mandioca e a diversificação da produção ganhava defensores na Assembleia Legislativa sendo preciso incentivar o café e o açúcar. Outras vertentes já indicavam o caminho do ramo alimentício através do beneficiamento de produtos agrícolas. Nessa mesma década há registro das primeiras empresas têxteis em Santa Catarina, período em que a maior parte da produção do Brasil no setor vinha do Estado da Bahia, que contava com a facilidade de se obter matéria-prima.

Santa Catarina era caracterizada pela pequena propriedade, carência de grandes montantes de capitais, sistema bancário deficiente (sem recursos para crédito) e a falta de infraestrutura resultando no distanciando e isolamento do estado em relação aos principais centros do país e as barreiras para importação de maquinário e de matéria-prima.

Contextualizada essas características Hering (1987) identifica que o diferencial foi a mão de obra especializada que chegou no estado através da imigração europeia. A mão de obra vinda da imigração saxã, principalmente em Blumenau e Joinville, trouxe uma cultura das regiões luteranas da Alemanha com especialidades em artesanato e pequenas profissões industriais. A imigração nesta cidade se caracterizava por alemães vindos do Norte e em Brusque a maioria migraram da região sul da Alemanha com a tradição católica trazendo consigo experiências nas atividades camponesas, embora fosse possível se encontrar

profissionais de todos os ramos. As atividades promovidas pelos imigrantes eram as mesmas pré-estabelecidas das experiências profissionais do continente europeu, permitindo um acúmulo de capital.

Na análise da autora, nesse contexto se identifica a relação com a teoria Schumpeteriana onde o acúmulo de capital é a fase que antecipa o desenvolvimento da indústria, chamada de fase pré-industrial. Segundo ela, esse movimento está diretamente ligado à teoria Schumpeteriana, os primeiros fundadores das indústrias têxteis no Vale do Itajaí direcionaram a acumulação de capital oriundas de atividades pré-industriais, para novos investimentos, estabelecendo a ação empreendedora através de recursos altos gerados transferidos para aquisição de capital produtivo.

O livro traz detalhes da história do surgimento das primeiras Indústrias têxteis no Vale do Itajaí com destaque a Hering fundada pela família de mesmo nome que na Alemanha trabalhavam como tecelões ou Mestres de Tecelagem e Malharia. Na chegada ao Brasil primeiramente Hermann Hering que trabalhou com pequenos comércios de charutos até abrir a sua primeira mercearia e encorajou o resto da família a seguir para o Brasil. Quando o resto da família chegou no Brasil já trouxeram artigos de linha vindo da Alemanha e um bom carregamento de aventais e toalhas, matéria prima de qualidade muito superior aos utilizados no Brasil. Denota-se que não há nenhum tipo de inovação até aqui, apenas a reprodução de uma tarefa simples para qualquer operário que trabalhasse no mesmo ramo em uma fábrica alemã. Essa atividade só se diferenciou da produção brasileira utilizando a matéria-prima europeia.

Outro diferencial importante para a nascente indústria têxtil catarinense é que em meados de 1885, segundo Hering (1987), o par de meia como o produto acabado passava por um processo de intermediação que geravam altas taxas alfandegárias, já o fio de algodão praticamente não possuía impostos de importação. Podemos classificar esse fato como uma vantagem comparativa favorável ao desenvolvimento dessa atividade na região. A máquina de tear utilizada na produção pela família era inferior a qualidade utilizada pelos membros da família na indústria alemã e a malha era produzida em metros precisando ser cortada e costurada, diferente do modo de produção na saxônia que dada maior produtividade tinha um custo de produção mais baixo. Na realidade as altas taxas de importação impossibilitavam a compra do produto acabado para revenda no comércio local. Ao invés disso, adquirir o fio de algodão e fazer o processo (mesmo que de uma forma mais improdutiva que os alemães) garantia um lucro maior na comercialização. Da mesma forma para os demais produtos que

logo a família Hering também começou a produzir como, por exemplo, células e camisetas sendo a primeira fábrica do gênero no Brasil.

Analisando a formação da indústria da família Hering não se evidencia nenhuma grande inovação, não rompe com o método de produção da época utilizado na Alemanha, apenas reproduz o modo de produção já existente. Reproduzir o modo de produção alemã na realidade caracteriza uma relação de dependência com a economia que desenvolve essa tecnologia. Além disso para adquirir novas máquinas é necessário realizar a transação em moeda estrangeira dependendo da situação cambial para poder investir. A dependência da tecnologia alemã fica mais evidente nos tempos de guerra mundial. A fim de diminuir a dependência do estrangeiro, a Hering construiu a sua própria fiação, a atividade dela durou apenas até 1914 e foi suficiente para garantir a sobrevivência da empresa nos anos de guerra onde foram cortadas relações comerciais com a Alemanha. Além da tecnologia, existia a dependência da matéria prima importada da Alemanha causando problemas de abastecimento. Logo a empresa resolveu o seu problema de importação de matéria-prima através de uma empresa do Rio de Janeiro especializada em comercio e logística internacional e possuía crédito necessário para compras no longo prazo.

Durante os anos de 1914 a 1945 o período entre guerras, houve uma expansão das empresas têxteis tradicionais de Blumenau e Brusque. Denota-se uma diversificação da produção industrial e a conquista do mercado nacional durante os conflitos mundiais e a recessão de 1930. Neste contexto a indústria do Vale de Itajaí se intensifica e se consolida no mercado através da diversificação da produção, um movimento forçado durante o período de guerras. A indústria do Vale que possuía um forte laço com a Alemanha, seja na importação de matérias-primas em transações bancárias ou na formação técnica de sua mão de obra, passa por um período em que se interrompem os comércios com o país europeu.

Hering (1987) ressalta diversas vezes na obra que os economistas cepalinos possuem uma visão preconceituosa a respeito dos imigrantes e suas contribuições para o desenvolvimento econômico na América Latina. Ela entende o termo “dependente” como pejorativo não aceitando essa definição e ainda enfatizando por diversas vezes que os empresários imigrantes não fizeram acordos com o governo. Porém, fica claro na leitura da obra que eles fizeram acordos em moeda estrangeira com instituições privadas caracterizando uma relação de dependência e subdesenvolvimento para os cepalinos.

Durante os anos da indústria nascente, por exemplo, quando a Hering percebeu que devido as tarifas alfandegárias e aos atravessadores, importar a meia pronta era mais caro que

produzi-la internamente, ela importou apenas a matéria prima, sem romper com o método de produção já existente, aplicou os processos por muitas vezes obsoletos para a produção europeia. Somasse a isso o fato de não haver uma centralização do capital capaz de sustentar um desenvolvimento a longo prazo combatendo adversidades do mercado como a guerra, que essa sim, rompe com o modo de produção pré-existente.

É claro que essa discussão só pode ser levantada ex-post-facto e é importante ponderar que o livro é feito por uma Historiadora, ou seja, com ponto de vista e de partida diferente de um Economista. O objeto de estudo do Historiador é documentar o processo de desenvolvimento das sociedades humanas no espaço e no tempo. Desta forma, ilustrada a perspectiva histórica, podemos nos aprofundar na fundamentação teórica sobre a formação econômica do estado de Santa Catarina.

2.3 Ondina Pereira Bossle — A história da industrialização catarinense: das origens a integração no desenvolvimento brasileiro (1988).

O livro trata de acentuar que aceita os argumentos da industrialização brasileira a partir da acumulação de Capital originada pela exportação e produção do café no território nacional. Porém, intensifica que não só por via disso podemos explicar a industrialização no Brasil como um todo. A acumulação vinda da atividade cafeeira foi muito importante para a industrialização, mas não configura para todas as regiões do Brasil, as quais possuem suas especificidades.

A origem do Capital industrial da atividade cafeeira foi muito importante para recuperar a produção interna de bens no Brasil contando com a participação do Estado como planejador da economia a partir dos anos 30. Para, além disso, é preciso analisar as transformações em níveis regionais em paralelo ao nacional. Os grandes centros econômicos nacionais possuem particularidades das suas próprias regiões, principalmente em Santa Catarina, onde a sua história econômica e sua inserção no contexto Global da economia brasileira acontece de forma peculiar.

Segundo a Cepal as economias centrais e periféricas em uma economia globalizada, se constituem entre o mercado externo e interno. Sendo o setor interno de baixa rentabilidade e produtividade e os setores externo com alta produtividade. No Brasil, o setor de subsistência durante o século XIX foi a principal fonte das exportações e fundamental para as atividades econômicas até a industrialização alcançada da especialização dos produtos tropicais para

exportação. A economia brasileira passou a ter ciclos no produto, favorável dentro de uma conjuntura, o qual exportava para o mercado internacional. Para Bossle (1988), essa forma de ciclos não permite uma análise global de todo o desenvolvimento da indústria brasileira.

Assim como o Brasil, Santa Catarina até o século XIX, se baseava em uma economia de subsistência com o sentido atender as necessidades locais, tendo a farinha de mandioca como principal produto da economia catarinense. Produto que todos estados brasileiros produziam, dificultando a venda em outros estados. O maior destino da produção era o mercado local, algumas partes do resto do país e muito esporadicamente o exterior, mais especificamente países vizinhos da América do Sul. A ação climática e os períodos entre safras favoreceram o início das exportações para outros estados. O sistema de produção baseado na propriedade pequena e voltada para o consumo próprio manteve o estado como uma economia de subsistência, sem a existência de hierarquia ou classes.

A autora também identifica uma nova fase de industrialização impulsionada pela chegada dos imigrantes entre os anos de 1850. A partir dessa nova dinâmica o estado começa a ultrapassar seu estágio inicial de subsistência e iniciam as produções de produtos semimanufaturados destoando das regiões açorianas que seguiram com as técnicas de rudimentares em agricultura. Através do comércio os imigrantes conseguiram excedentes e acumularam capital para os futuros empreendimentos industriais. Bossle (1988) pondera que as tarifas protecionistas asseguraram a demanda e o câmbio favorável às importações permitiram a aquisição de máquinas pelos imigrantes que possuíam experiência e conhecimento técnico industrial acima da média dos brasileiros.

De fato, a partir de 1880 a política econômica favoreceu os investimentos industriais através da preocupação com a infraestrutura. A partir de 1900 os meios de transportes foram aprimorados através de investimentos na Rede Ferroviária, foi realizado a instalação de hidrelétricas e a industrialização assentou suas bases com respaldo na política tarifária e cambial, além de um aumento de mão de obra qualificada advinda da imigração brasileira e catarinense.

No período de 1880 a 1913 o câmbio desvalorizado e tarifas alfandegárias favoráveis permitem (principalmente a indústria têxtil) aumentar a sua capacidade de produtiva com máquinas importadas, atendendo a demanda local e expandindo para o mercado nacional. A baixa do câmbio mais precisamente entre 1889 e 1907 se tornou uma vantagem também para importação de matérias-primas oriundas da Europa de melhor qualidade, fator de diferenciação do produto já apontada por Hering (1987). O desenvolvimento no norte do

estado e no Vale do Itajaí trouxe um desequilíbrio em relação a produtividade no sul do estado, onde a grande maioria dos estabelecimentos eram pequenos e de produção basicamente artesanal com o capitão mínimo, em Florianópolis havia um empreendimento de fábrica de pregos, porém a atividade principal era a pesca. Já na região de Joinville, Blumenau e Brusque se concentram os estabelecimentos industriais.

A Primeira Guerra Mundial introduziu a economia catarinense no mercado nacional ocorrido através do choque de demanda dos bens industriais produzidas internamente devido ao declínio das importações, maximizando a utilização da capacidade produtiva provocando a ampliação do mercado interno impulsionando a produção industrial com destaque para os produtos têxteis, do carvão e o mercado alimentício. Por exemplo, as reduções das importações de combustível tornaram o carvão um produto de interesse para soberania nacional, cujas reservas foram descobertas na região sul do estado nos tempos do império e na época considerado improdutivo por falta de infraestrutura, voltando a ser utilizado durante a Primeira Guerra dado a dificuldade da importação no período.

A exploração do carvão começa ganhar importância dado que a guerra moveu o mercado para substituição da importação organizando as primeiras empresas carboníferas no sul do estado. Este setor foi incentivado por uma nova política mineral do governo federal que autorizou empréstimos do Banco do Brasil as empresas carboníferas e isentou taxa de impostos sobre máquinas e materiais importados contribuindo para redução dos preços. O carvão catarinense mesmo com alto teor de cinza e humidade começou a ser utilizado dada as dificuldades de importação. A Inglaterra que possuía um excedente para exportação de carvão e atendia as necessidades dos países importadores. Porém, após a guerra os Estados Unidos entraram no mercado devido a capacidade de técnica de seus equipamentos. Com isso, apesar da diminuição da importação do carvão inglês, houve também um novo concorrente os Estados Unidos.

Nos anos antecessores a Primeira Guerra, Santa Catarina comercializou mais para o mercado interno do que para o externo. A integração da economia Catarinense a partir da Guerra se deu das dificuldades de importação. O estado continua sendo exportador dos produtos agropecuários, os semimanufaturados, como a erva-mate e os produtos têxteis começam a ganhar a importância conquistando seu espaço. A indústria que era voltada para o comércio local se externaliza para o mercado nacional a partir do bloqueio das importações dos países em guerra. Porém, sofre com a interrupção da importação de bens de Capital

O estado é dividido em zonas econômicas com as suas respectivas capitais: Joinville desenvolve o seu comércio até a industrialização na fabricação de peças de aço; no Vale do Itajaí a Indústria Têxtil ganha projeção e escoada sua produção através do porto de Itajaí; a ocupação do Planalto e do Oeste Catarinense pelos colonos vindos do Rio Grande do Sul aumentando a região agrícola se especializando na suinocultura e avicultura; no meio Oeste, o Vale do Rio Peixe caracterizado por agricultores alemães e italianos oriundas da migração interna vindas do Rio Grande do Sul; na região de Lages ao Planalto Norte a produção de produtos oriundos da madeira e a criação de gado; A região carbonífera no Sul como capital Criciúma, cuja produção era escoada pela ferrovia que liga a cidade ao porto de Imbituba; Florianópolis embora não tivesse uma produtividade elevada era a capital do estado e possuindo importância política.

A década de 1920 comprometeu a economia nacional com oscilações no câmbio. Com isso houve uma grande oscilação entre a demanda de exportação e importação de produtos na década de 1920. Um dos produtos que mais resultaram em queda de mercado foi a erva mate sofrendo a concorrência dos estados do Paraná, do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso. Com exceção do setor da erva mate que foi afetado devido à concorrência dos estados vizinhos, a Grande Depressão de 1929 não surtiu muito efeito na economia catarinense. A produção de erva-mate também foi prejudicada pelo início da produção na Argentina, que além de ser um destino das exportações de erva-mate do estado, também começou a exportar para o Chile e Uruguai, compradores do produto Catarinense.

Na década de 1920, destaque-se também os problemas no setor carbonífero, a mineração em Santa Catarina quase se interrompeu dada a alta oferta americana que chegava ao mercado brasileiro com preços bastante inferiores ao do carvão nacional. A indústria têxtil continuou atendendo o mercado nacional e perto do final da década de 1920 já era o de maior participação na produção industrial catarinense correspondendo em 1929 a 41% da produção, seguido pelo setor alimentício que correspondia a 30% da produção (BOSSLE, 1988).

A partir da década de 1930 a madeira e os têxteis que já estavam fortalecidos no mercado interno, ganham um grande destaque na exportação catarinense. A madeira torna-se o produto mais exportado em Santa Catarina seguindo do ramo Têxtil. Após a grande depressão de 1929 o Brasil entra em uma nova política de desenvolvimento inclinada para a utilização total da sua capacidade produtiva com foco na diminuição das importações. Santa Catarina que já possuía um setor industrial estruturado aliada a valorização do mercado interno e a substituição das importações, passou a ser um dos estados mais importantes em

termos de indústria, ficando atrás apenas de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e o Rio de Janeiro, superando estados como Paraná, Pernambuco e Bahia.

No ano de 1931 surgem novas carboníferas, algumas estatais e outras com investimento diretos do governo federal, segundo Bossle (1988) além da política que destinou 10% do carvão Nacional sendo misturado ao estrangeiro e ainda passou a ser cobrado 20% de acréscimo sobre a importação do carvão estrangeiro, além de restringir as locomotivas a utilizar o nacional. Segundo Bossle (1988) entre 1929 a 1931 a produção carbonífera catarinense sofreu um aumento e 85% da produção era exportada. Os principais destinos das exportações eram Argentina, Chile, Alemanha e Estados Unidos e no mercado interno Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul. O desenvolvimento do setor foi prejudicado sobretudo pelos seguintes fatores: o carvão catarinense necessitava um beneficiamento diminuindo a rentabilidade; a concorrência gaúcha de qualidade superior; a precariedade dos meios de transportes terrestres devido a localização das minas, que se encontravam afastadas dos portos deixando o escoamento da produção dependente da estrada de ferro; e os portos de Laguna e Imbituba não apresentavam estruturas para receber navios de grande calado.

Na década de 1930 surge também as primeiras fábricas do setor metalúrgico como, por exemplo, a Eletro Aço Altona fundada pelo engenheiro alemão Paul Werner que começou a comercializar Aço com as demais fundições brasileiras em 1938. Primeiramente tentando fabricar aço sem sucesso em 1931, com o estímulo das taxas cambiais e das tarifas a indústria, conseguiu afastar a concorrência de aço e ferro gusa de origem estrangeira que eram mais baratas. Nesse período também surgiu a Fundação Tupy especializada em ferro maleável.

A industrialização brasileira durante a década de 1930 foi prejudicada também pela dificuldade de importar equipamentos e matérias-primas. Por outro lado, houve um aumento das exportações como, por exemplo, os produtos frigoríficos que passaram ocupar posição de destaque na balança comercial atingindo 20% total exportado (BOSSLE, 1988). A indústria têxtil teve aumento na produção mesmo utilizando equipamentos obsoletos e desgastados, atingindo um alto nível de vendas frente à demanda externa. Os investimentos em novos equipamentos das instalações industriais não foram totalmente aplicados por conta de bloqueios a importação e aos transportes marítimos no momento das guerras.

Durante o período da Segunda Guerra Santa Catarina passa a ter os produtos manufaturados em primeiro lugar na escala de produtos exportados substituindo os produtos derivados de fonte animal, plantas vivas, alimentos e ferragens. O carvão com um dos produtos bastante valorizados alcançando em 1942 o crescimento de 184% em quantidades

exportadas em relação ao ano de 1938 e apenas 33% no valor exportado (BOSSLE, 1988). Nesse mesmo período a obrigatoriedade do uso do carvão Nacional em relação ao importado que era de 10% foi ajustado para 20%, favorecendo o setor representando um acréscimo na quantidade produzida de 734% entre 1938 a 1945, a produção nacional de carvão que representava 15,3% em 1941 chega a 28,9% em 1945. O carvão Catarinense também se valorizou em 299% de 1938 a 1945 (BOSSLE, 1988).

As exportações catarinenses para o exterior durante a Segunda Guerra foram afetadas pelas relações com os países da Europa Ocidental. Por outro lado, os países da América do Sul, principalmente a Argentina, contrabalanceavam as perdas para os mercados europeus, neste período o maior cliente dos produtos catarinenses continuava a ser o mercado nacional. A balança comercial Catarinense foi positiva tanto para as negociações com o mercado nacional quanto para o exterior e a capacidade de exportação se recupera no fim da guerra. Na década de 1940 pela primeira vez os artefatos de ferro e aço aparecem entre os produtos exportados. Segundo Bossle (1988) em 1942 a produção de Aço catarinense representava 3,9% do total produzido no Brasil. Papel e papelão, produtos sem representatividades até o início da Guerra, aparecem também com os produtos mais exportados melhorando em 1942 para 128% em relação à exportação de 1938. Os artefatos de algodão dobraram o seu valor comercial registrando um aumento de 101% em 1942 em relação a 1938 (BOSSLE, 1988). Se a Segunda Guerra prejudicou a importação de equipamentos e matérias-primas também estimulou a produção de outros setores, elevando ao máximo a utilização da capacidade instalada.

2.4 Alcides Goularti Filho - Formação Econômica de Santa Catarina de Santa Catarina (2002).

Neste subcapítulo vamos contextualizar a uma nova abordagem sobre a formação econômica catarinense, trazendo para o debate o estudo realizado por Alcides Goularti Filho no livro “Formação Econômica de Santa Catarina” (2002). Fazendo uma análise que se inicia em 1880 até a década de 90. Essa abordagem é dividida em quatro fases distintas: 1) O primeiro chamado de origem e crescimento do capital industrial de 1880 a 1945. 2) Diversificação e ampliação da base produtiva de 1945 a 1962. 3) Integração e consolidação do capital industrial de 1962 a 1990. 4) Desarticulação política e reestruturação econômica pós 1990.

Segundo Goularti Filho (2002) a partir de 1880 os primeiros imigrantes chegam ao estado catarinense. Por aqui já havia açorianos vivendo em Laguna, Araranguá e Tubarão. Em 1880 chegam os italianos, poloneses e alemães. Um marco importante no desenvolvimento econômico do estado é a construção da ferrovia Rio Grande-São Paulo em 1880. O Oeste demarcou a fronteira após o conflito com a Argentina em 1895. Após a conclusão da ferrovia em 1910, o Oeste foi colonizado por ítalos e teuto brasileiros vindo do Rio Grande do Sul. Nesse período começa a exploração de madeira, erva-mate e pequenas atividades agropecuárias. Somente em 1916 o Oeste passou oficialmente a ser território catarinense com a assinatura do tratado com Paraná. Neste período existia um predomínio do capital mercantil com o crescimento das indústrias madeireira, alimentar, carbonífera e têxtil.

Entre 1875 a 1900 predomina a imigração de europeus para o vale, norte e sul, isso se dá em ritmo acelerado até o início dos anos de 1920. Esses imigrantes trouxeram experiências em atividades industriais e logo se tornaram formaram grandes empresas, resultado da junção entre a experiência profissional e a grande disponibilidade de terra e matéria-prima. Destacam-se no processo de colonização as companhias colonizadoras, responsáveis por intervir no processo de imigração fornecendo suportes essenciais como o financiamento governamental e as terras disponíveis.

Em 1917 se inicia a imigração de pessoas do Rio Grande do Sul, processo que ocorre notoriamente até os anos 50. A ocupação do oeste faz parte de um movimento da expansão agrícola do Brasil que percorre toda região norte centro-oeste e o Paraná. Esta ocupação tem como objetivo demarcar terras e o mais importante: acumular capital por meio da venda da terra. Deste modo foram criados municípios, estradas e ferrovias. Visando o conforto e a segurança dos colonizadores, os índios são exterminados e os caboclos subordinados ao trabalho.

Já no início do século XX Santa Catarina segue a base produtiva da economia comandada pelo pequeno e médio capital mercantil assim como toda a economia brasileira da época. Os setores que dominariam a economia catarinense seriam os ramos: têxtil, madeireiro e alimentar. Entre os anos de 1915 e 1929 a exportação catarinense aumentou em seis vezes. Com destaque para os seguintes produtos: Madeira; erva-mate; polvilho e mandioca; e carvão. O autor argumenta que o aumento na produção carvão e além dos fatores apontados por Bossle (1988) no subcapítulo anterior, também se deve a expansão do complexo cafeeiro em São Paulo, o forte processo de diversificação econômica ocorrida em São Paulo e no Rio de

Janeiro com indústrias ligadas ao setor mecânico e químico, a expansão urbana na capital federal e a construção das ferrovias.

Segundo Goularti Filho (2002) a industrialização brasileira também colabora com a indústria catarinense. Até os anos 30 o Brasil possuía uma produção agrária com um fraco desenvolvimento industrial. A partir dos anos 30, com um forte investimento do governo para o desenvolvimento da indústria do país, os estados que estavam com relações comerciais diretamente ligadas ao estado de São Paulo, tiveram seu desenvolvimento afetado pela demanda do estado paulista, dado que os incentivos do governo estavam fortes para o crescimento industrial. Além disso com a indústria, a classe operária aumenta, elevando a demanda por alimentos e vestuários, movimentos que favoreceram o estado catarinense.

A partir de 1945, com a pequena indústria metal mecânica de Joinville surgindo, Indústria de papel pasta e celulose no Planalto e as cerâmicas no Sul impulsionam o crescimento da indústria. Nesse período é notável a mudança do capital mercantil para o capital Industrial. Este é ponto de partida para o próximo período da formação econômica catarinense: Diversificação e ampliação da base produtiva de 1945 a 1962.

Com a mudança da base produtiva nacional a partir de 1930, São Paulo recebe um forte investimento para desenvolvimento de sua indústria. No restante do país o desenvolvimento foi limitado pela capacidade de importar e pela acumulação horizontal do capital. Muitos estados foram sufocados pela forte concorrência e outros beneficiados por articulações comerciais com o estado de São Paulo. Em Santa Catarina até 1945, na microrregião de Joinville se concentravam pequenas oficinas mecânicas e funilarias incapazes de imprimir um ritmo de acelerado a crescimento da economia catarinense.

A partir de 1945 houve um forte avanço da indústria catarinense ampliando os setores como: papel, papelão, pasta, mecânica, móveis e metal mecânico, carbonífero e agrícola. Se caracteriza uma fase transitória para o desenvolvimento industrial e um alargamento da divisão social do trabalho com o surgimento de novos setores e a diversificação dos setores pré-estabelecidos. Movimento que impulsiona a mudança do capital mercantil para o industrial, mesmo que por um processo lento favorecido pelo projeto Nacional de Industrialização e também pelo planejamento estadual. Nesse processo podemos destacar o setor Têxtil que já constituía um oligopólio competitivo inserido em todo o comércio nacional e a Tupy no ramo da metalmecânica.

Essa diversificação positiva continha seus limites, entre os principais a falta de energia, recursos financeiros e infraestrutura viária e portuária. Outro problema é que cada

região se especializou em um determinado setor, sem criar uma articulação comercial e produtiva com as demais regiões. As mudanças exigiam novas formas de organização que poderiam ser planejadas a partir do Estado, essas forças produtivas travaram processo de acumulação. Por exemplo, o sistema de energia elétrica que não se diferenciava de outros estados brasileiros e era alimentado por pequenas iniciativas privadas locais ou por multinacionais, não era pensado em atender esse processo de desenvolvimento. As mudanças no processo de acumulação de capital necessitavam novas estruturas institucionais capazes de financiar investimentos na produção e infraestrutura. As condições não se adaptaram às necessidades de expansão do Capital, diminuindo o seu ritmo de acumulação. O desenvolvimento foi barrado pela falta de infraestrutura e de capital financeiro. A partir de 1962 se configura o mais um período, a integração e consolidação do Capital industrial até 1990.

Em 1962 um novo sistema de crédito de investimentos de energia e transporte consolidou o setor eletro-metalmecânico, liderado pelas médias e grandes indústrias, setores tradicionais do estado se tornaram líderes nacionais. O movimento geral das indústrias passou a ser conduzido pelas grandes empresas dos seguintes ramos: de alimento; eletrometalmecânico; cerâmico; têxtil e vestuário; papel e celulose; madeireiro; carbonífero; plástico; destaque para as empresas da microrregião de São Bento do Sul do ramo moveleiro, como por exemplo, a Cimos, Artefama, Rudnick e a Móveis Leopoldos, além das porcelanas que também tiveram destaque em regiões do Estado Catarinense e em São Bento do Sul com a Oxford.

A mudança do padrão do crescimento em Santa Catarina pode ser entendida pela mudança do padrão de acumulação em nível nacional, o qual teve como tripé básico: capital estatal, externo e nacional. Na maioria dos estados brasileiros o desenvolvimento era impulsionado com a presença do capital estatal financiando e incentivando projetos privados. Já em outros estados, como por exemplo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o capital estatal junto com o capital de origem local levou a diversificação e a integração produtiva.

Porém, a formação dos complexos agroindustriais em Santa Catarina também está ligada a um movimento nacional, o qual foi constituído com foco na modernização produtiva desde a agricultura brasileira a industrialização pesada após 1955, consolidando uma política nacional de Crédito Rural e forte atuação do Estado permitindo a formação de complexos agroindustriais em todo o país. Os setores mais beneficiados com créditos, subsídios, amparo tecnológico e suporte técnico foram as grandes empresas.

Para Goularti Filho (2002) o ano de 1962 marca um novo período, o capital industrial passa a ser o móvel da acumulação capitalista no estado e a economia passa a ser pensada por órgãos governamentais. São formulados planos de metas do governo de 1961 a 1965 utilizando instrumentos para ampliar a infraestrutura e financiar o capital privado. Entre os planos feitos pelo governo federal e pelo governo do estado, destacam-se: a capacidade financeira para financiar investimentos de longo prazo no transporte, pensando em integrar as mesorregiões produtoras aos mercados nacional e estadual; e em energia para ampliar a atuação da Celesc e telecomunicações para aumentar a rede de telefonia e a oferta de linha. Após 1962 os grupos catarinenses passaram a comandar o crescimento industrial do Estado através de planos com objetivos e resultados concretos, afinados com os objetivos nacionais, passando pela grande transformação da estrutura social básica a qual foi profundamente alterada.

Goularti Filho (2002) relaciona esse movimento a uma diversificação produtiva no estado catarinense nos anos de 1970 e 1980. O setor Têxtil diversificou seus investimentos entrando nos ramos alimentício, comercial e financeiro. Segundo Goularti Filho (2002) em 1973 os azulejos catarinenses participavam de 9% das exportações nacionais, passando para 28% em 1989. As indústrias de calçados, materiais, plásticos e vestuário mantiveram um ritmo contínuo de crescimento. O boom da Indústria carbonífera com forte apoio estatal e focado na diversificação produtiva, explica o bom desempenho sul-catarinense nos anos de 1980. No Oeste o crescimento manteve-se em ritmo constante pela forte expansão dos cinco grandes frigoríficos. O crescimento das exportações de carne a partir dos anos de 1970 foi responsável por mais de 13% das exportações catarinense no final da década de 1980 (GOULARTI FILHO, 2002). Nos anos de 1990, em Joaçaba, o município saiu da dependência exclusiva do complexo industrial de carne com o desenvolvimento de setor metalúrgico de abrangência regional. A produção de papel e celulose, alvo de investimentos de grupos estrangeiros, quase dobrou na década, além de contribuir com o complexo Agroindustrial da maçã de Fraiburgo até São Joaquim no Vale do Itajaí. Na região de Caçador, Canoinhas e Mafra ocorreu uma diversificação do complexo madeireiro iniciando a produção de compensados, laminados, painéis, aberturas e perfilados. Na microrregião de São Bento do Sul com a produção mais votada para o mercado externo e novos estilos de móveis com base na madeira replantada superando a crise gerada com fechamento da Móveis Cimo, importante indústria moveleira local na cidade de Rio negro que faliu nos anos de 1980.

A diversificação para outros ramos industriais é um marco importante para a cidade de Jaraguá do Sul, destacando a atividade de Materiais Elétricos de médio porte e os investimentos da WEG combatendo resultados não muito positivos da fundição Tupy no período a qual teve dificuldades financeiras. Porém, outras empresas expandiram fortemente a produção como a Buscar e a Cônsul. A Embraco voltou-se a exportação se tornando a terceira maior exportadora do Estado. Em parte, a crise em Joinville foi amenizada pela expansão de algumas metalúrgicas de médio porte e pelo dinamismo maciço em investimentos da WEG em toda região em Jaraguá do Sul.

A diversificação na área de eletro-metal-mecânico, alimentos e vestuário fortaleceu o norte do estado e gerou a retração de algumas pequenas empresas. Porém, as empresas que conseguiram expandir proporcionaram a região avanços através das exportações. Na década de 1980 o crescimento acima da média nacional no estado foi permitido pela integração produtiva estadual. Além disso, os setores menos atingidos pela crise eram justamente os que Santa Catarina se especializou, parte da produção foi deslocada para o mercado externo, os investimentos em infraestrutura promovida pelo setor público amadureceram ao longo da década, as finanças industrializantes nos programas de incentivo garantiram a continuidade dos investimentos, a diversificação produtiva em municípios polos como, por exemplo, Criciúma Jaraguá do Sul e Caçador e alguns setores tiveram incremento tecnológico como alimentício, cerâmico papel e celulose. O crescimento foi possível pelas políticas cambiais e protecionistas e pelo movimento de desconcentração regional.

Devido às crises fiscais durante a década de 1980, se inicia uma nova fase, planos com boas intenções, mas sem programas e sem uma ação efetiva do Estado. Era um perfil globalizante e simbólico no qual o estado passou atuar como coadjuvante. Ainda foram executados investimentos na estrutura social básica, porém com entrada do Brasil no modelo liberal, o estado começa a atuar como mero figurante no processo de desenvolvimento econômico. Anteriormente os recursos liberados para o complexo industrial deram um salto quantitativo e qualitativo tornando o complexo eletro-metal-mecânico dinâmico, a indústria de revestimentos importante na economia nacional e internacional e o Vale do Itajaí consolidado como segundo Polo Têxtil do país.

A década de 90 marca o fim do ciclo expansivo do carvão, o qual tinha uma forte presença estatal. O Governo Collor liberou a importação do carvão metalúrgico, retirou a obrigatoriedade das siderúrgicas estatais em comprarem o carvão nacional. Com as privatizações a companhia Próspera, subsidiária da Companhia Siderúrgica Nacional,

deixando 1.500 trabalhadores desempregados. A Próspera voltou para as mãos da CSN privatizada fechando em definitivo em 1995. A Tupy perdeu espaço para o capital externo no setor de tubos e conexões em PVC, a perda de 30% do mercado nacional de peças de bicicletas para as importadas (GOULARTI FILHO, 2002). O setor têxtil-vestuário foi o mais atingido no estado, a abertura comercial reduziu alíquotas de importações de 105% em 1990 para 20% em 1993 junto com a sobre valorização cambial as exportações catarinenses nos ramos têxteis caíram 63,7% ente 1993 e 1999 (GOULARTI FILHO, 2002). A Hering em 1992 exportou 100 milhões de dólares e em 1998 exportou apenas 18 milhões, do total exportado 50% eram destinadas aos Estados Unidos e Canadá, esse número caiu a zero em 1998 (GOULARTI FILHO, 2002).

A sobre a valorização cambial e a facilidade de entrada do Capital externo o complexo Agroindustrial Catarinense levou a uma redução no número de suinocultores e uma readaptação dos avicultores em 1990. Aurora, Sadia, Perdigão e Chapecó tinham uma rede nacional de integrados suínos e aves e sofreram uma queda geral de 38,4% na década (GOULARTI FILHO, 2002). As novas exigências impostas pelos frigoríficos como sistemas de iluminação e ventilação, estar em um raio de abrangência mais próximo da empresa, derrubou o número de suinocultores no estado. A realidade é que a crise fiscal e financeira do Brasil nos anos de 1980 desacelerou o crescimento do PIB no país. A média do crescimento do PIB brasileiro nos anos 1980 girou em torno de 2% ao ano e alguns estados mantiveram o crescimento, em Santa Catarina se manteve em torno de 5,3% ao ano por dois motivos: o microrregional e estadual (GOULARTI FILHO, 2002).

Dessa forma o autor entende que a explicação do desenvolvimento industrial não está na figura do empresário inovador, e que esse argumento torna análise descontextualizada. O empresário inovador não existe sem um arranjo institucional e financeiro propício a realização de novos investimentos, sem expectativas favoráveis e sem retornos garantidos. O empresário inovador existe somente com aparato financeiro que promove o movimento geral de industrialização. O desmonte do aparelho estatal mudou o padrão de acumulação e o padrão de crescimento visível nos governos estaduais dos anos de 1990.

Entre 1945 e 1962 alterou-se o padrão de crescimento Mercantil para o Industrial, um processo nacional de integração produtiva onde Santa Catarina esteve subordinada em menor escala por esse movimento em relação a outros estados brasileiros que reagiriam aos investimentos oriundos de São Paulo. Fatores determinantes nessa integração produtiva em âmbito nacional seriam: o mercado nacional em franca expansão; as políticas de incentivo e

linhas de crédito promovido pelo planejamento regional do estado que impulsionou o mercado local, pequeno diante do potencial das empresas de acumulação; investimentos em infraestrutura capitaneada pelo Estado; e as Finanças industrializantes promovidas pelos programas de incentivo do Governo Federal. A integração comandada por São Paulo causou efeitos destrutivos nas estruturas produtivas do Nordeste e do Norte, setores com baixa inovação tecnológica e fraca capacidade de alavancagem e provocou um desenvolvimento desigual das economias estaduais.

Habilidade técnica de muitos imigrantes pode ter ajudado no surgimento de pequenas Indústrias. Porém, uma das peculiaridades da formação econômica de Santa Catarina é a presença do capital de origem local com abertura comercial diante da desnacionalização do capital. O autor enfatiza a importância do desenvolvimento econômico de modo interno. Mas, pondera que Santa Catarina também é favorecida com a industrialização comandada por São Paulo. No final fica o questionamento do autor: a origem do capital instalado em Santa Catarina é nacional ou local?

3 CAPÍTULO - FORMAÇÃO DA INDÚSTRIA MOVELEIRA DE SÃO BENTO DO SUL

Neste capítulo faz-se uma análise econômica da microrregião formada pelos municípios de Campo Alegre, São Bento do Sul e Rio Negrinho. Para tanto, primeiramente foi contextualizado o processo histórico de ocupação da microrregião iniciada com a colonização da cidade de Joinville e, posteriormente, em direção ao Oeste do Estado. Após essa contextualização, foi possível entender como ocorreu a formação econômica da microrregião, pautada inicialmente pela produção de erva mate. Dada a abundante disponibilidade de matéria prima, ocorria a extração local que era enviada para Joinville onde, depois de processada era exportada através do porto de São Francisco do Sul ou comercializada no mercado interno. Durante esse período já teve início um reaproveitamento dos rejeitos de madeira descartada após a extração da erva. Assim, a transformação da madeira viria a ser a principal atividade industrial da microrregião, inclusive com especialização posterior na produção de móveis.

3.1 Processo Histórico

A microrregião de São Bento do Sul localizada no Planalto Norte de Santa Catarina caracteriza sua história de fundação ligada à colonização europeia advinda da ocupação da cidade de Joinville. Antes da colonização da microrregião, primeiro ocorre ocupação dos lotes disponíveis na então Colônia Dona Francisca. No ano de 1843, Dona Francisca, filha de Dom Pedro I, casou-se com Francisco de Orleans, que viria a ser o Príncipe de Joinville na França, filho do Rei Luís Filipe I. Com a realização do casamento a família imperial usou como dote hectares de terras localizados na atual cidade de Joinville. Francisco de Orleans acabou vendendo esses terrenos para uma agência colonizadora (BRANCALEONE, 1999).

Nesse período a região já era ocupada por nativos, registros históricos datam que havia caçadores-coletores a cerca de 8 mil anos na região. Entre 6 mil e 2 mil anos haviam grupos caracterizados pela construção de sambaquis, em formas de pirâmides que eram utilizados para sepultar os mortos (TWARDOWSKY; BANDEIRA; GUEDES, 2022). Após esse período se denota vestígios da presença de indígenas na região. Já por volta de 1800 começam a chegar os primeiros imigrantes, esses oriundos de Portugal através da capitania de

São Francisco do Sul (FERREIRA, 2019). Neste período foram trazidos para a região negros escravizados que iniciaram a produção agrícola principalmente de mandioca, arroz e milho.

Após o casamento de Dona Francisca com o Príncipe Joinville, eles viveram na França até a Revolução Francesa em 1848 quando o pai do Príncipe, o Rei Luís Filipe I perdeu o poder para Napoleão Bonaparte e se exilou com a família no Reino Unido. Neste período a Sociedade Colonizadora formada por políticos, empresários e banqueiros buscava obter lucros com a emigração europeia. Devido as mudanças no modo de produção alemã onde muitos agricultores foram perdendo espaço na composição da renda do país para os industriais, muitos trabalhadores decidiram sair do país tendo o Brasil e os Estados Unidos como os principais destinos. Através do Senador Cristian Mathias Schroeder, representante de Hamburgo na Alemanha, o Príncipe Joinville vendeu parte de suas terras para a Sociedade Colonizadora. Cerca de 17 mil imigrantes chegaram na região e logo os terrenos disponíveis foram ocupados formando a denominada Colônia Dona Francisca.

Com a ocupação de Joinville a colônia começa a se expandir para dentro da Floresta de Araucária, como era conhecida a região onde se localiza a atual microrregião de São Bento do Sul. Dessa forma o Governo Imperial firmou contrato com a Sociedade Colonizadora direcionando a ocupação do Planalto. Para isso era necessário subir cerca de 1.300 metros de altitude em direção ao Oeste. Os primeiros a realizar o trajeto ocuparam os campos de São Miguel, por volta de 1870, contudo, a terra era inapropriada para a agricultura forçando os colonos a seguir caminho em direção ao Oeste.

“A falta de terras para colonização e o aumento considerável do afluxo de novos contingentes de imigrantes obrigou a Direção da Colônia a recorrer, em ofício, ao Governo Imperial e solicitar permissão para ocupar 247 quilômetros quadrados no Planalto (FICKER,op.cit. :29).

Neste período se inicia um conflito de interesses, dado que o estado do Paraná já havia demarcado as terras como território devido à grande abundância de matéria prima para a produção de erva mate, importante produto para a economia paranaense no período. O conflito de interesses só foi amenizado com a construção da uma estrada para o escoamento da produção de erva mate, apesar de não haver registro de acordo entre a Colônia Dona Francisca e o estado paranaense, dado que a posse da terra foi questionada durante a guerra do Contestado pelo Paraná no início dos anos de 1900. Período em que os paranaenses chegaram a cobrar impostos na região de São Miguel para quem tentava fazer o percurso entre São

Bento e Joinville com transporte de mercadorias, alegando que estavam em terras de domínio paranaense, inúmeros conflitos com trocas de tiros foram registrados. Sendo o primeiro conflito por terras entre Santa Catarina e Paraná que se tem registros. O embrolho foi parar no Supremo Tribunal Federal, o qual decidiu que o território pertencia a Santa Catarina. A verdade é que a construção da estrada Dona Francisca acarretou uma vantagem para o Paraná, sendo que a estrada ligava Joinville com a região do Rio Negro no estado vizinho, facilitando o escoamento da produção paranaense. Porém, além da produção de erva-mate havia o interesse da Sociedade Colonizadora em comercializar as terras as quais já eram motivos de especulação.

Dessa forma a região passou a ser ocupada pelos colonos que começaram a se instalar as margens do rio São Bento. Cerca de 70 homens comandados pelo engenheiro August Heeren levaram dois dias para realizar o percurso de Joinville até São Bento chegando no dia 23 de setembro de 1873. Eles pagariam pelas terras com trabalho, primeiramente abrindo terreno de 25 a 35 hectares nas áreas demarcadas já iniciando a plantação de aipim, milho e feijão e ampliando as estradas para escoamento da produção (BRANCALEONE, 1999).

A primeira leva de imigrantes que ocupou a microrregião eram de poloneses, austríacos e alemães das regiões da Boêmia, Pomerânia, Prússia Ocidental e Oriental trouxeram consigo a religião e cultura católica. Esses eram diferentes dos imigrantes que ocuparam a Colônia Dona Francisca todos os protestantes alemães vindos da região norte da Alemanha e Ocidentais causando uma divisão em termos religiosos entre São Bento e Joinville. Em 1874 segundo dados divulgados pela Colônia Dona Francisca cerca de 50 famílias ocupavam a microrregião formando uma população de 310 pessoas. Estava formada a Colônia Agrícola São Bento, como era denominada inicialmente a área que cobria onde hoje é a cidade de São Bento do Sul até as margens do Rio Negro, área onde os imigrantes ocuparam e deram continuidade a expansão da estrada Dona Francisca.

“Entretanto, havia interesses maiores nos quais estavam inseridos os colonizadores (pioneiros e os que vieram depois). Havia, além do mercado das terras pela Companhia Colonizadora, o interesse de empresários e produtores pela erva-mate, comum no planalto, e que fazia parte da pauta de exportação tanto do Paraná (pelo porto de Paranaguá) como de Santa Catarina (pelo porto de São Francisco) e o início da comercialização intensiva da madeira. Visava ainda à formação de um mercado consumidor de gêneros de primeira necessidade” (BRANCALEONE, 1999, p. 11).

Segundo Ficker (1973) a cidade de Campo Alegre, que fica entre São Bento do Sul e Joinville, não foi colonizada pelos alemães, pois, lá já habitavam brasileiros nativos do Paraná caracterizados pela criação de gado e pela produção de erva-mate. Também por isso os colonos fixaram terrenos no outro lado da cidade nos bairros Oxford e Lençol evitando conflito com os brasileiros estabelecidos em Campo Alegre.

“Os pioneiros eram instalados em pequenos lotes de 25 a 35 hectares com 200 metros de frente. Sua primeira tarefa era de derrubar a floresta (“abrir a roça”) para construir sua casa provisória e instalar um campo de cultura. Assim, cada lote colonial era trabalhado por uma família (economia familiar), isto é, todas as atividades ou tarefas eram divididas entre os membros incluindo até as crianças (divisão familiar do trabalho na propriedade). O lote colonial era a unidade de produção e de consumo inserido no sistema de colonização constituída pela família” (BRANCALEONE, 1999, p. 14).

Os primeiros imigrantes trabalhavam na construção da estrada Dona Francisca e também exerciam atividades agrícolas.

“Além de plantar a roça (inicialmente a criação de animais não fazia parte da economia familiar), geralmente as famílias, com o intuito de melhorar suas condições de subsistência e aumentar a poupança para novos investimentos, e conseqüentemente, aumentar capital, exerciam atividades de transformação da produção agrícola (pequena indústria doméstica), para consumo próprio e para a venda; isto é, intercalavam atividades artesanais com as atividades agrícolas” (BRANCALEONE, 1999, p. 14).

Três anos mais tarde em 1876 o presidente Alfredo Taunay dá, até então, Província de Santa Catarina através da Lei Provincial nº 801, de 6 de abril criou o distrito de São Bento do Sul. Somente em 21 de maio de 1883, São Bento do Sul foi declarado município através da Lei Providencial nº 1030. Porém, a data de fundação da cidade é comemorada no dia 23 de setembro de 1873, dia em que os primeiros colonos chegaram as margens do rio São Bento vindos da Colônia Dona Francisca.

São Bento do Sul foi a primeira cidade catarinense do planalto, sendo que Mafra e Lages já existiam, porém, consideradas território paranaense naqueles tempos. São Bento do Sul foi a primeira capital de Santa Catarina fora de Florianópolis, isso ocorreu durante a Revolução Federalistas. Em 1893 o Governador Lauro Müller buscava a independência da região sul do Brasil, quando as tropas federalistas avançaram sobre Florianópolis ele tentou refúgio e declarou São Bento como a Capital do estado. Porém, em 3 dias, com o avanço das tropas Mafra foi declarada Capital.

Desde a chegada dos primeiros colonos a principal atividade da região era a produção de erva-mate o qual deu origem ao reaproveitamento dos rejeitos de madeira, setor que levaria a industrialização da microrregião. A formação econômica da microrregião será aprofundada no próximo subcapítulo.

No segundo capítulo verificamos que Santa Catarina possui um processo de desenvolvimento econômico diferente da maioria dos estados brasileiros que se industrializaram entre o final do século XIX e início do século XX. Estados como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo desenvolveram sua indústria com o capital acumulado da produção cafeeira e uma inclinação do estado em diversificar a produção brasileira principalmente após a crise do café. Em Santa Catarina o desenvolvimento industrial surge através de atividades locais focada no consumo interno através da manipulação de produtos agrícolas (BOSSLE, 1988).

Dessa forma cada região do estado se especializa em setores distintos de produção. Na região de Lages se desenvolve a pecuária, no oeste destaque para os frigoríficos de porte nacional e de alta exportação, na região sul a produção carbonífera e no alto Vale a indústria Têxtil, no norte do estado principalmente em Jaraguá do Sul e Joinville o setor mecânico. É possível encontrar exemplos de atividades econômicas características dessas regiões em outras partes do estado como, por exemplo, a Malwee, empresa de vestuário localizada em Jaraguá do Sul. Porém, não é capaz de alterar o setor impulsionador da economia.

Na microrregião de São Bento do Sul se desenvolve a indústria moveleira. Nosso objetivo neste subcapítulo é contextualizar os movimentos que determinaram a formação dessa atividade econômica. A microrregião se localiza entre a região Canoinhas e Itajaí. A região de Canoinhas se destaca pela alta disponibilidade de madeira de boa qualidade e inicia uma atividade econômica através da extração da matéria prima. Primeiramente o Porto de São Francisco do Sul e posteriormente o Porto de Itajaí se tornam responsáveis pelo escoamento da produção.

O setor da indústria moveleira é a principal atividade da economia da microrregião de São Bento do Sul, boa parte da produção é exportada. Nos últimos anos a cidade sofrendo uma forte queda nas exportações de móveis. São Bento do Sul possui outros ramos da indústria em seu parque industrial como, por exemplo, a especializada em processamento de aço a Tuper, a Oxford empresa de louças em alto padrão e a Condor autointitulada como a maior fábrica de escovas da América Latina que também fabrica produtos nas categorias de limpeza, higiene bucal, beleza, pintura imobiliária e artística. Na microrregião também é

notável o aumento da participação do setor de serviços no PIB local nos últimos anos. Movimento ocasionado pela crise mundial de 2008 e a conseqüente queda brusca das exportações de móveis para os Estados Unidos, a qual era sua grande fonte de receita, de lá pra cá, a microrregião vem crescendo nas indústrias têxtil, metalmeccânica e cerâmica.

Desde sua colonização, dada a alta disponibilidade de madeira da boa qualidade na região, principalmente araucárias e pinhais, somada às imigrações de colonizadores com experiência na transformação da madeira, possibilitaram a colônia a entrar no ramo moveleiro. Os primeiros colonos tinham como principal atividade a extração da erva-mate. Segundo Brancaleone (1999) “de 1890 até 1905, esteve em atividade a Sociedade Industrial Catarinense, empresa sediada em Joinville, a qual possuía numerosas filiais”. Oriunda da fusão de empresas ervateiras de Joinville e São Bento do Sul a Sociedade Industrial Catarinense se tornou “praticamente o monopólio na exploração do mate no planalto norte catarinense” (BRANCALEONE, 1999, p. 19).

Em 1883, ano da ocupação da colônia agrícola de São Bento do Sul, nascia à primeira serraria da cidade, construída por Augusto Henning engenheiro responsável pela primeira leva de imigrantes que ocupou a região. Primeiramente o processamento da madeira tinha como objetivo servir a demanda de construção de casas na região de Joinville. Outro fator que estimulou a nascente economia local e contribuiu como estímulo ao processamento da madeira foi que grande parte dos colonos que ocuparam a região trabalhavam na extração e manufatura da erva-mate. Dessa forma o reaproveitamento da madeira, rejeito da atividade de produção da erva-mate, se tornou uma ocupação lucrativa para muitos colonos que deram origem a serrarias no interior da colônia “produzindo-se desde os artefatos de madeira, do tipo bandejas, farinheiras, etc, móveis em geral, esquadrias, portas e caixões de defuntos até tabuinhas para telhados, forros e as soalhos” (KASEMOEDEL, 1990). Outros colonos se ocupavam no transporte da produção para a região de Joinville utilizando lombo dos animais e carroças após melhorias na estrada da serra onde atualmente fica a serra Dona Francisca.

Em 1906 foi construída a estrada ferro Dona Francisca que ligava Joinville a São Francisco, a mesma se expandiu até São Bento do Sul e posteriormente Mafra, onde se interligou com a estrada de ferro Rio Grande-São Paulo fazendo o escoamento da produção regional para outros estados do Brasil e posteriormente até o exterior. Essa ligação com a estrada de ferro foi um marco importante para o desenvolvimento econômico no início do século XX impulsionando o comércio com os centros urbanos de Curitiba e Joinville. Os

principais produtos comercializados nesse período eram o trigo, batatas, centeios e principalmente a erva-mate.

A microrregião de São Bento do Sul localizada no Planalto Norte de Santa Catarina caracteriza a história de fundação ligada à colonização europeia advinda da ocupação da cidade de Joinville. Antes da colonização da microrregião ocorreu ocupação da cidade de Joinville. No ano de 1843, Dona Francisca, filha de Dom Pedro I e irmã de Dom Pedro II, casou-se com Francisco de Orleans, que viria a ser o Príncipe de Joinville era filho do Rei Luís Filipe I da França. Com a realização do casamento o casal recebeu como dote hectares de terras localizados na atual cidade de Joinville.

Nesse período a cidade já era ocupada por nativos, registros históricos datam que haviam caçadores-coletores a cerca de 8 mil anos na região. Entre 6 mil a 2 mil anos haviam grupos caracterizados pela construção de sambaquis, em formas de pirâmides que eram utilizados para sepultar os mortos. Após esse período se denota vestígios da presença de indígenas na região. Já por volta de 1800 começam a chegar os primeiros imigrantes esses oriundos de Portugal através da capitania de São Francisco do Sul. Neste período foram trazidos para a região negros escravizados que iniciaram a produção agrícola principalmente de mandioca, arroz e milho.

Após o casamento de Dona Francisca com o Príncipe Joinville, os mesmos viveram na França até a Revolução Francesa em 1848 quando o pai do Príncipe, o Rei Luís Filipe I perdeu o poder para Napoleão Bonaparte e se exilou com a família no Reino Unido. Neste período a Sociedade Colonizadora formada por políticos, empresários e banqueiros buscava obter lucros com a emigração europeia. Devido as mudanças no modo de produção alemã onde muitos agricultores foram perdendo espaço na composição da renda do país para os industriais, muitos trabalhadores decidiram sair do país tendo o Brasil e os Estados Unidos como os principais destinos. Através do Senador Cristian Mathias Schroeder, representante de Hamburgo na Alemanha, o Príncipe Joinville vendeu parte de suas terras para a Sociedade Colonizadora. Cerca de 17 mil imigrantes chegaram na região e logo os terrenos disponíveis foram ocupados formando a denominada Colônia Dona Francisca.

Com a ocupação de Joinville a colônia começa a se expandir para dentro da Floresta de Araucária, como era conhecida a região onde se localiza a atual microrregião de São Bento do Sul. Dessa forma o Governo Imperial firmou contrato com a Sociedade Colonizadora direcionando a ocupação do Planalto. Para isso era necessário subir cerca de 1.300 metros de altitude em direção ao Oeste. Os primeiros a realizar o trajeto ocuparam os campos de São

Miguel, por volta de 1870, contudo, a terra era inapropriada para a agricultura forçando os colonos a seguir caminho em direção ao Oeste.

Neste período se inicia um conflito de interesses, dado que o estado do Paraná já havia demarcado as terras como território devido à grande abundância de matéria prima para a produção de erva mate, importante produto para a economia paranaense no período. O conflito de interesses só foi resolvido com a construção de uma estrada para o escoamento da produção de erva mate, apesar de não haver registro de acordo entre a Colônia Dona Francisca e o estado paranaense, dado que a posse da terra foi questionada durante a guerra do Contestado pelo Paraná no início dos anos de 1900. Nesse período os paranaenses chegaram a cobrar impostos na região de São Miguel para quem tentava fazer o percurso entre São Bento e Joinville com transporte de mercadorias, alegando que estavam em terras de domínio paranaense, inúmeros conflitos com trocas de tiros foram registrados. Sendo o primeiro conflito por terras entre Santa Catarina e Paraná que se tem registros. O embrolho foi parar no Supremo Tribunal Federal, o qual decidiu que o território pertencia a Santa Catarina. A verdade é que a construção da estrada Dona Francisca acarretou em uma vantagem para o Paraná, sendo que a estrada ligava Joinville com a região do Rio Negro no estado vizinho, facilitando o escoamento da produção paranaense. Porém, além da produção de erva-mate havia o interesse da Sociedade Colonizadora em comercializar as terras as quais já eram motivos de especulação.

Dessa forma a região passou a ser ocupada pelos colonos que começaram a se instalar as margens do rio São Bento. Cerca de 70 homens comandados pelo engenheiro August Heeren levaram dois dias para realizar o percurso de Joinville até São Bento chegando no dia 23 de setembro de 1873. Os mesmos pagariam pelas terras com trabalho, primeiramente abrindo terreno de 25 a 35 hectares nas áreas demarcadas já iniciando a plantação de aipim, milho e feijão e ampliando as estradas para escoamento da produção.

A primeira leva de imigrantes que ocupou a microrregião eram de poloneses, austríacos e alemães das regiões da Boêmia, Pomerânia, Prússia Ocidental e Oriental trouxeram consigo a religião e cultura católica. Esses eram diferentes dos imigrantes que ocuparam a Colônia Dona Francisca todos protestantes alemães vindos da região norte da Alemanha e Ocidentais causando uma divisão em termos religiosos entre São Bento e Joinville. Em 1874 segundo dados divulgados pela Colônia Dona Francisca cerca de 50 famílias ocupavam a microrregião formando uma população de 310 pessoas. Estava formada a Colônia Agrícola São Bento, como era denominada inicialmente a área que cobria onde hoje

é a cidade de São Bento do Sul até as margens do Rio Negro, área onde os imigrantes ocuparam e deram continuidade a expansão da estrada Dona Francisca. Segundo FICKER (1973) a cidade de Campo Alegre, que fica entre São Bento do Sul e Joinville, não foi colonizada pelos alemães, pois, lá já habitavam brasileiros nativos do Paraná caracterizados pela criação de gado e pela produção de erva-mate. Por isso os colonos fixaram terrenos nos bairros Oxford e Lençol evitando conflito com os brasileiros estabelecidos em Campo Alegre.

Em 1876 o presidente Alfredo Taunay dá, até então, Província de Santa Catarina através da Lei Provincial nº 801, de 6 de abril criou o distrito de São Bento do Sul. Somente em 21 de maio de 1883 a São Bento do Sul foi declarado município através da Lei Providencial nº 1030. Porém, a data de fundação da cidade é comemorada no dia 23 de setembro de 1873, dia em que os primeiros colonos chegaram as margens do rio São Bento vindos da Colônia Dona Francisca.

São Bento do Sul foi a primeira cidade catarinense do planalto, sendo que Mafra e Lages já existiam, porém, consideradas território paranaense naqueles tempos. São Bento do Sul foi a primeira capital de Santa Catarina fora de Florianópolis, isso ocorreu durante a Revolução Federalistas. Em 1893 o Governador Lauro Müller buscava a independência da região sul do Brasil, quando as tropas federalistas avançaram sobre Florianópolis ele tentou refúgio e declarou São Bento como a Capital do estado. Porém, em 3 dias, com o avanço das tropas Mafra foi declarada Capital.

Desde a chegada dos primeiros colonos a principal atividade da região era a produção de erva-mate o qual deu origem ao reaproveitamento da madeira setor que levaria a industrialização da microrregião. A formação econômica da microrregião será aprofundada no próximo subcapítulo.

3.2 Formação da Indústria Moveleira da Microrregião

Até 1920 existiam em São Bento do Sul pequenas marcenarias de fundo de quintal de produção familiar para o atendimento da demanda local e para o reaproveitamento de rejeitos das madeiras obtidos na extração e beneficiamento da erva-mate. Entre 1919 e 1921 surge a primeira serraria a vapor da cidade de São Bento do Sul com o objetivo de produzir madeiras serradas e caixarias, empresa que anos depois incorporaria o famoso grupo Móveis Cimo como sua matriz. Com o aumento de vendas para Curitiba e Joinville a empresa migrou para a cidade vizinha (Rio Negrinho) com o objetivo se aproximar da estrada de ferro e de aproveitar a fonte de energia hidrelétrica provida pelo Rio Negro. A diferenciação do produto se dava

pela boa qualidade da imbuia, fato que gerou um acúmulo de rejeitos de madeira da produção de erva-mate não aproveitados que eram obtidos com preço baixo.

Jorge Zipperer através de seu irmão, Martin Zipperer proprietário de uma pequena empresa de móveis em São Paulo, propuseram reaproveitar os rejeitos na produção de pés de cadeira. Primeiramente consultaram um produtor de pés de cadeira de São Bernardo do Campo em São Paulo para oferecer os rejeitos. Porém, ele utilizava madeira de qualidade inferior com um custo de produção mais baixo. Fato que não desanimou os irmãos que decidiram produzir por conta própria e adquiriram “uma serra fita, uma desempenadeira, uma plaina de 3 faces, que servia para fazer assoalho, uma tupia, uma furadeira, uma serra circular e um gerador de energia elétrica” (KAESEMODEL, 1990). No início de suas atividades a empresa com apenas 5 funcionários, em 1989 contava com 315 colaboradores. Ainda segundo Kaesemodel (1990) a “Industria Artefama S.A.” iniciou os trabalhos com 3 funcionários e em 1989 tinha 684 funcionários ocupados. A “Móveis Rudnick S.A.” iniciou os trabalhos com apenas 1 funcionário e em 1989 tinha 496 funcionários ocupados. Caracterizando o início da atividade na microrregião pelas empresas fundo de quintal e de administração familiar.

Os irmãos Zipperer foram importantes para a história da microrregião, tanto que a cidade de Rio Negrinho comemora seu aniversário na mesma data de nascimento de Jorge. Carlos Zipperer Sobrinho que também era irmão de Jorge e Martin, adquiriu a marcenaria em que trabalhava e nela passou a reaproveitar as copas dos pinos que não eram utilizadas pela indústria de madeira local. Através de leituras de artigos alemães, desenvolveu a técnica para utilizar a copa na fabricação de abajur, pé de cadeiras, porta guardanapos, porta joias entre outros utensílios. Essa atividade deu início a acumulação de capital que daria início anos depois a Industria Zipperer S.A., importante fábrica de móveis da microrregião. Porém, esses utensílios de madeira logo perderam mercado para os fabricados de polímero, que geravam ao fabricante uma melhor rentabilidade e para o consumidor uma melhor durabilidade. Muitos funcionários que trabalharam nos empreendimentos dos irmãos da família Zipperer acabaram por fundar sua própria empresa de móveis ou de processos específicas da produção.

A maioria das marcenarias de microrregião entre os anos de 1940 e 1950 eram de fundo de quintal com produção artesanal. Outras marcenarias se diferenciavam por estarem anexas a serrarias reaproveitando os rejeitos dessa atividade e da mão de obra, dado que os estabelecimentos de fundo de quintal contavam apenas com familiares na produção. Porém, a maioria dos empreendimentos atendiam apenas a demanda local e não apresentaram grande crescimento até a década de 1950. Apenas a Industria Zipperer possuía uma demanda

impulsionada aos estados vizinhos, Rio de Janeiro e São Paulo dado que a empresa produzia utensílios diversos de madeira. Após o início da utilização de polímero para a fabricação de utensílios diversos a empresa voltou sua produção a móveis em série.

O custo de entrada no ramo moveleiro nos anos da indústria nascente era baixíssimo, os pequenos produtores desenvolviam suas próprias máquinas de corte partindo de motores reconicionados adaptados ao processo, além das vantagens comparativas, dado que a região possuía uma alta oferta de matéria prima da melhor qualidade. Primeiramente o processo era bastante artesanal e as primeiras marcenarias eram formadas por organizações familiares onde os pais passavam a profissão de marceneiro aos filhos e produziam inicialmente móveis para o mercado local. Essa atividade possui origem nos imigrantes alemães que possuíam experiência no ramo como, por exemplo, Guilherme e José Weihermann que exerciam a profissão de marceneiro em seus país de origem e deram início a produção de móveis sob medida até a expansão para indústria moveleira com a Móveis Weihermann S.A. empresa que atua no mercado até os dias atuais.

As pequenas marcenarias locais deram origem ao capital empregado para a abertura das indústrias moveleiras. Como relatado anteriormente essas pequenas marcenarias produziam suas próprias máquinas, quando não o faziam, exportavam da Alemanha. Apenas a Móveis Cimo que através dos irmão Jorge e Martin Zipperer realocaram maquinários oriundos de São Paulo onde se localizava a primeira fábrica do Martin. Essas indústrias nascentes produziam inicialmente pés de cadeira, casas pré-fabricadas e posteriormente móveis sobre medida até a evolução para um processo seriado. A Móveis Cimo chegou a deter o monopólio da fabricação de cadeiras de cinema no Brasil.

Nesse ponto é possível identificar fases distintas da formação da indústria moveleira da microrregião. Primeiramente os anos da ocupação da Colônia Agrícola de São Bento entre 1873 até 1920 onde a produção de erva-mate caracteriza a microrregião neste período ocorre o surgimento das primeiras serrarias com o intuito de reaproveitar os rejeitos de madeiras. Ou seja, matéria prima abundante por um preço atrativo garantindo uma ótima rentabilidade após o beneficiamento. Entre 1920 até o fim da segunda guerra, as marcenarias anexas as serrarias tomam um caráter profissional aumentando o número de funcionários empregados e expandindo as vendas para fora do comércio local.

A partir da segunda guerra é possível identificar uma nova fase, dada a inclinação do governo federal para uma política desenvolvimentista focada na aceleração do crescimento, ocorre uma fase de desenvolvimento industrial no país o qual acarreta um período favorável

para a nascente indústria moveleira de São Bento do Sul. Seja as marcenarias anexadas a serrarias ou as de fundo de quintal, a grande maioria prosperou nesse período.

Como já evidenciado no segundo capítulo, a segunda guerra influenciou toda economia brasileira para a substituição das importações, dada que durante o conflito as importações dos países rivais foram bloqueadas, forçando a compra dos produtos nacionais.

“É com base nesse novo nível de preços relativos e das novas medidas que se desenvolvem as indústrias destinadas a “substituir as importações” e que se dá a arrancada para o desenvolvimento industrial dos anos trinta também em São Bento do Sul, em que pese, na época, a pouca importância dessas medidas principalmente para o setor moveleiro. No entanto, com a ampliação do poder aquisitivo da população no mercado interno, o setor industrial local indiretamente passa a beneficiar-se.” (BRANCALEONE, 1999, p. 41).

Os irmãos Martin e Jorge Zipperer pioneiros na serraria a vapor da região deram origem empresa que mais tarde se fundiria a outros empreendimentos da região formando a Móveis Cimo e outro irmão Carlos Zipperer Sobrinho deu início ao empreendimento que se tornaria a Indústria Zipperer a Indústria do ramo moveleiro mais antiga da região.

Os mercados consumidores neste período ainda eram as regiões de Joinville e Curitiba, somente a Indústria Zipperer atendia demanda de artefatos diversos feitos de madeira comercializando com os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia chegando a ser pioneira na exportação vendendo para o Japão. Nesse período outras empresas foram fundadas com o mesmo objetivo (produzir artefatos de madeiras) como, por exemplo, a Artefama em 1945 e a Indústria Serraltense em 1947. Entre os anos de 1960 e 1970 após o período em que a utilização do polímero para artefatos diversos foi ampliada, essas indústrias direcionaram sua produção para o ramo moveleiro.

Kaesemodel (1990) credibiliza a entrada da indústria moveleira da microrregião no mercado nacional pela Henri Matarasso Decorações.

“Com respeito a conquista de novos mercados, é necessário destacar a participação de Henri Matarasso Decorações, de São Paulo, que a partir dos anos 1960 até 1970, absorveu praticamente toda a capacidade produtiva das indústrias locais, tendo preferência à linha de móveis coloniais, promovendo, assim, o produto de São Bento do Sul. O cliente, em destaque, desenvolvia os modelos e as indústrias executavam as encomendas, caracterizando a dependência das indústrias a um único cliente. Mas, por outro lado, este mesmo cliente, por força da dinâmica do próprio sistema capitalista, ampliava os caminhos mercadológicos para os móveis e perdia de vista parte da produção destes estabelecimentos.” (KAESEMODEL, 1990, p. 58).

A produção de móveis se manteve sem grandes avanços até a década de 1970.

“Porém, até o final da década de 60, a indústria moveleira local não teve crescimento muito expressivo em número de empresas. No entanto, foi nessa década que o mercado de móveis foi ampliado para o eixo Rio-São Paulo, principalmente pela atuação do agente comercial Henry Matarazzo que, sozinho, comercializava mais de 80% da produção de móveis produzidos na cidade. A qualidade dos móveis logo conquistou a preferência desses novos consumidores. A imbuía era a matéria-prima preferida pelos consumidores” (BRANCALEONE, 1999, p. 41).

O setor moveleiro também é impulsionado pelo Plano Nacional de Habitação criado pelo governo militar em 1964, o qual fundou o Banco Nacional da Habitação com a finalidade de liberar crédito ao setor mobiliário no Brasil. Até meados do fim da década de 60 a microrregião já possuía empresas estabelecidas que possuíam como destino da sua produção principalmente o estado de São Paulo, Paraná e a região de Joinville.

Essa fase da industrialização é contemporânea a fase de incentivo do governo a qualificação da mão de obra investindo em educação pública básica. Neste período surgem o SESI e SENAI e em São Bento do Sul no ano de 1974 surge a FETEP (Fundação de Ensino, Tecnologia em Pesquisa) centro especializado na qualificação profissional para a indústria moveleira “desenvolvendo um trabalho inovador, com laboratórios próprios de ensaio, com atuação pioneira no setor a nível de Brasil” (KAESEMODEL, 1990). Até então havia um problema de mão de obra, dado que os operários qualificados e especializados em certas etapas da produção possuíam uma alta rotatividade acarretada às altas ofertas salariais das empresas concorrentes. Para conter esse movimento de encarecimento da mão de obra especializada foram desenvolvidos cursos de aperfeiçoamento profissional.

Grandes empresas instaladas na microrregião demandavam postos de trabalho e outras empresas estavam ligadas ao setor moveleiro em uma cadeia produtiva local. Por exemplo, se a empresa produzia móveis para a cozinha, era necessária a matéria prima da madeira, a planagem dela, o corte seriado conforme os desenhos de produção, a pintura especial ou lustração e posteriormente a montagem do armário, com suas portas contendo dobradiças e puxadores inoxidáveis, assim como as gavetas, que além do mais necessitavam das corrediças. Estava instaurada na microrregião uma cadeia produtiva altamente capaz de gerar uma demanda que fez crescer uma cidade até então de pequeno porte e transformando a mesma na capital nacional dos móveis.

Em 2006 a cidade de São Bento do Sul possuía 185 indústrias do setor moveleiro que correspondia a 40% da indústria de transformação da cidade. As indústrias do setor moveleiro empregavam 7.354 trabalhadores cerca de 24% da força de trabalho da cidade. Como citado

anteriormente a localização da cidade também contribuiu para o desenvolvimento desta atividade. São Bento do Sul se localiza à 100 km de Curitiba e à 85 km de Joinville, dois grandes polos industriais da região, neste sentido também se pode destacar a cidade de Jaraguá do Sul que é ainda mais próxima, assim, não é difícil de imaginar a fácil realocação de mão de obra entre estas cidades como, por exemplo, mecânicos e operadores de máquinas.

4 CAPÍTULO – DA CONSOLIDAÇÃO DO SETOR À CRISE INTERNACIONAL

Neste capítulo apresentam-se as análises sobre a dinâmica econômica da microrregião, sendo que elas estão divididas em três períodos distintos, conforme segue: a) constituição da indústria moveleira na microrregião de São Bento do Sul; b) avanços e expansão até o ápice da indústria moveleira da microrregião; c) processo de desaceleração após crise de 2008. Registre-se que alguns dados estão disponíveis até 2019 como, por exemplo, o PIB local. Já os dados das exportações, por exemplo, estão disponíveis até o ano de 2021. Em função disso, as informações relativas aos anos de 2020 e 2021 estão analisadas separadamente tendo em vista os efeitos da crise ocasionada pela pandemia do novo coronavírus sobre a produção global.

4.1 A constituição da indústria moveleira na microrregião de São Bento do Sul

A partir da década de 1970 se denota uma nova fase da indústria moveleira caracterizada pela consolidação no mercado nacional e entrada no comércio exterior. Esse movimento acarretou uma transformação na estrutura das empresas do ramo na microrregião. “Em 1969 apenas a Móveis Leopoldo e Indústria Artefama contavam com mais de 100 (cem) empregados” (KAESEMODEL, 1990), enquanto ao final da década de 1970 além dessas empresas a Weihermann, Rudnick, a Móveis Cimo, e a Indústria Zipperer possuíam mais de 250 colaboradores. Na década de 1970 é notável um movimento das grandes empresas em adquirir empresas menores, destacando-se os casos da Rudnick e da Artefama. Esse movimento não alterou a estrutura de capital sendo que as ações permaneceram nas mãos dos fundadores e de suas famílias.

No início da década de 1970 existiam em São Bento do Sul 18 indústrias moveleiras, em 1988 segundo Kaesemodel (1990) esse número era de 179. O crescimento do número de estabelecimentos foi impulsionado pelo surgimento de empresas de pequeno porte “período em que estes números se elevaram consideravelmente (..) a partir de 1980, sobretudo, pela saída dos operários das indústrias em função da nova conjuntura de crise” (KASEMODEL, 1990). Muitos desses estabelecimentos de pequeno porte e de administração familiares surgiram com o propósito de realizar operações específicas do processo de fabricação dos móveis como, por exemplo, a pintura e o envernizamento. Esses empreendimentos contavam

com a experiência de funcionários especializados em partes do processo que saíram das grandes empresas da microrregião durante a crise econômica brasileira da década de 1980. As grandes empresas, em busca de corte de gastos através de uma redução da folha salarial, demitiram funcionários antigos que formaram novos estabelecimentos e se asseguraram da terceirização de processos das empresas de médio e grande porte na região como, por exemplo, a lustração.

A crise econômica brasileira vivenciada na década de 1980 foi prejudicial para o ramo moveleiro de São Bento do Sul. Entre os anos de 1985 e 1995 o emprego na cidade caiu 30% na própria cidade de São Bento do Sul, enquanto os salários também caíram. Para Cário e Denk (2003) a crise econômica do Brasil nos anos de 1980 impulsionou a exportação de móveis pela microrregião. Os autores argumentam que a crise econômica caracterizada por altas taxas de inflação com aceleração do desemprego ocasiona uma forte queda de demanda interna e leva “muitas empresas moveleiras à falência ou à venda para outras empresas mais capitalizadas resultando em um direcionamento da produção para o mercado externo”. Ainda segundo Cário e Denk (2003) os móveis produzidos pelas empresas de São Bento do Sul eram do estilo colonial e no Brasil esse tipo de móvel perdeu mercado para “novas linhas mais voltadas aos apartamentos (móveis menores) e em cores claras”. Com o mercado interno em dificuldades econômicas e pela rejeição aos móveis em estilo colonial no Brasil consequentemente o mercado externo se torna o principal destino da produção de móveis na microrregião.

Entre os anos de 1980 e 1980 a crise econômica e política do leste europeu favorecem a inserção no mercado externo

“em complemento, com a crise econômica e política no Leste europeu no final da década de 80 e início de 90, passa a ocorrer demanda da parte dos importadores daquele continente por móveis do cluster catarinense, pois muitos países tradicionais fornecedores destes mercados deixaram de abastecer seus clientes, em função das crises econômica e política que estavam deparando. Muitas empresas abandonam completamente o mercado interno para atender exclusivamente os clientes externos em face de muitos realizarem programações comprometendo a produção do ano todo com este mercado” (CÁRIO; DENK, 2003, p. 3).

Outro fator que contribuiu para o direcionamento da produção para as exportações é que no mercado externo havia uma grande preocupação com a utilização das madeiras replantadas introduzindo na microrregião a utilização do pinus como matéria prima na fabricação dos móveis. Essa matéria prima se torna uma diferenciação para a produção moveleira da microrregião e todo Sul do Brasil, dado que nessa região o tempo para o

beneficiamento do pinus é de 15 a 20 anos e na Europa de 30 a 40 anos (CARMELATO, 2007). Esse fator também contribui para a queda na demanda do mercado interno, dado que no Brasil há certa cultura de que os móveis produzidos com essa matéria prima são de baixa qualidade.

O mercado externo demandava exigências desde padrão de qualidade e certificações até o beneficiamento especial. Por exemplo, a umidade da madeira que deve ser entorno de 6% sofre alteração até chegar à Carolina do Norte passando para 14% a 16% dependendo da época do ano. Essa alteração afeta o tempo de vida útil do móvel até a dimensão dele. Devido a essa especificidade as indústrias passaram a utilizar estufas ao invés de secagem ao livre, que além de manter a humidade da madeira, também diminuí o tempo de seca.

O processo de inserção no mercado externo ocorreu de forma lenta com movimentos isolados. Primeiramente a Móveis Cimo inicia um processo de exportação da produção, mais precisamente de cadeiras de cinema e artefatos de madeira. Em 1968 se registram as primeiras exportações de móveis pela Indústria Zipperer S.A. para a Alemanha e na década de 1970 a Artefama para a Inglaterra. Posteriormente, o mercado da América Latina assumiu o posto de maior destino das exportações liderado pelos Estados Unidos, Canadá, Chile, Paraguai, e Porto Rico.

A partir da década de 1980 a empresa especializada em tradings Primex se estabeleceu na microrregião com o objetivo de levar a produção de móveis local ao consumo no mercado externo intermediando o processo de trading com os compradores no estrangeiro, sendo a pioneira no agenciamento das exportações na microrregião. Não demorou muito para os empresários da microrregião criarem a própria empresa de tradings, a Planor. Todavia, somente na década de 1990 que o objetivo de atuar no mercado externo se consolidou. A instabilidade economia no mercado nacional devido à crise inflacionária no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 torna o mercado externo atrativo e encoraja o empresário local a direcionar sua produção e cumprir as baixas exigências para as exportações. As exigências muitas vezes até favoreciam as empresas locais como, por exemplo, a utilização do pinus.

Esse movimento ocorre no mesmo momento em que o Brasil implanta o Plano Real e pratica uma política cambial fixa de paridade ao Dólar. No final da década de 1990 o mercado externo já o maior destino da produção moveleira são-bentense. Kaesemodel (1990) apresenta dados comparativos dos anos de 1982 e 1988 das exportações de móveis em dólares americanos por empresas selecionadas, conforme Tabela 1. No ano de 1982 as exportações

das empresas selecionadas totalizaram 1,1 milhões de dólares, enquanto em 1988 esse valor atingiu 9,2 milhões registrando um aumento de 818%.

Tabela 1 - Exportação Moveleira das principais indústrias de São Bento do Sul no ano de 1982 e 1988 — em US\$

Estabelecimento	1982	1988
Indústria Artefama S.A.	\$667.305,95	\$1.522.154,10
Indústria Zipperer S.A.	\$114.734,70	\$1.280.476,27
Móveis Realiza Ltda.	\$111.626,95	\$224.201,87
Movelaq Móveis Ltda.	\$89.030,67	\$210.429,74
Móveis Weihermann S.A.	\$77.208,49	\$405.999,22
Indústria de Móveis Domingos Ltda.	\$71.529,90	-
Móveis Artesol Ltda.	-	\$1.804.818,80
Indústria de Móveis Neumann Ltda.	-	\$870.002,51
Móveis Alpes Ltda.	-	\$679.136,03
Móveis Schwarzwaldt Ltda.	-	\$605.165,47
Fábrica de Móveis Danilo S.A.	-	\$419.790,27
Fábrica de Móveis Consular Ltda.	-	\$380.298,97
Móveis Araújo Ltda.	-	\$222.294,33
Estofados 25 de julho Ltda.	-	\$170.757,07
Moverama Indústria de Móveis Ltda.	-	\$127.649,41
Móveis James Ltda.	-	\$88.321,80
Móveis Walfrido Ltda.	-	\$80.529,60
Móveis Rudnick S.A.	-	\$51.780,55
Móveis Seiva Ltda.	-	\$49.005,00
Fábrica de Móveis Leopoldo S.A.	-	\$24.079,80
Artematic S.A.	-	\$21.998,80
Indústria Schreiner Ltda	-	\$18.934,93

Fonte: KAESEMODEL, 1990.

O referido autor explica as exportações totais:

“Segundo guias expedidas pela Carteira de Comércio Exterior - CACEX, de São Bento do Sul, as exportações chegaram a 10,7 milhões de dólares no ano de 1988, devendo ser acrescentado a este valor aproximadamente mais 30%, exportado por trading (empresas de exportação) de outros estados, elevando-se para quase 14 milhões de dólares (KAESEMODEL, 1990, p. 102).

A partir desse movimento a indústria moveleira de São Bento do Sul se torna o principal exportador do produto no Brasil, tornando a balança comercial do ramo superavitária. Ao direcionar sua produção para o mercado externo, os produtores direcionaram

sua produção para atender a demanda e as exigências dos compradores no exterior, os quais possuíam o poder de definir o preço da mercadoria, como os modelos e os desenhos de fabricação. Dessa forma, a substituição dos fabricantes poderia ocorrer rapidamente, já que a marca dos fornecedores não era estampada no produto.

4.2 Avanços e expansão até o ápice da indústria moveleira da microrregião

Neste subcapítulo será possível verificar a evolução das exportações de móveis pela indústria moveleira da microrregião e suas consequências na econômica local. As exportações da indústria moveleira de São Bento do Sul estão disponíveis a partir de 1997 no Comex Stat, destacando-se que durante a década de 1990 a microrregião de São Bento do Sul se consolida como a principal região exportadora de móveis do Brasil. Conforme verificado anteriormente, as empresas da microrregião atuavam no exterior através das empresas especializadas em trading que realizavam os acordos com os compradores no exterior.

Segundo os dados contidos na Tabela 2, em 1997 a Microrregião exportou 191 milhões em dólares americanos, sendo que deste total 60% correspondiam a outros móveis e suas partes (classificação dada pela Comex Stat aos móveis exportados como, por exemplo, jogo de quarto, sala de jantar e dormitórios), neste trabalho será denominado apenas como: móveis. Os principais destinos dos móveis foram os seguintes países: França 26,4%, Holanda 22,6%, Estados Unidos 16,7%, Alemanha 14% e o Reino Unido 5,6%. Esses cinco países representaram 85% das exportações de móveis na microrregião no ano de 1997. Esse grupo de países continuou respondendo por, no mínimo, 85% das exportações de móveis até o ano de 2021. Exceto no período de 2007 a 2012 quando a Espanha também aparece como importante destino das exportações de móveis ao manter uma média de 10,8% do total no período. A França se manteve como o maior destino das exportações indústria moveleira da microrregião até o ano de 1998, com uma participação de 25,6%. Todavia, a partir de 1999 (entre os anos que foram possíveis verificar) os Estados Unidos assumem a posição de maior destino das exportações, com 30,3% do total. Destaca-se que em 2005, ano do ápice das exportações da microrregião, os Estados Unidos representavam 54,7% do total de móveis exportados pelas empresas da microrregião.

A tabela 2 demonstra que no primeiro período em análise (1997 a 2005), as exportações de móveis da microrregião. Comparado ao ano de 1997, as exportações de móveis na microrregião atingiram um crescimento de 150% em 2005, sendo que os Estados

Unidos eram o principal destino das exportações de móveis, o que correspondia a 54,7% do total exportado.

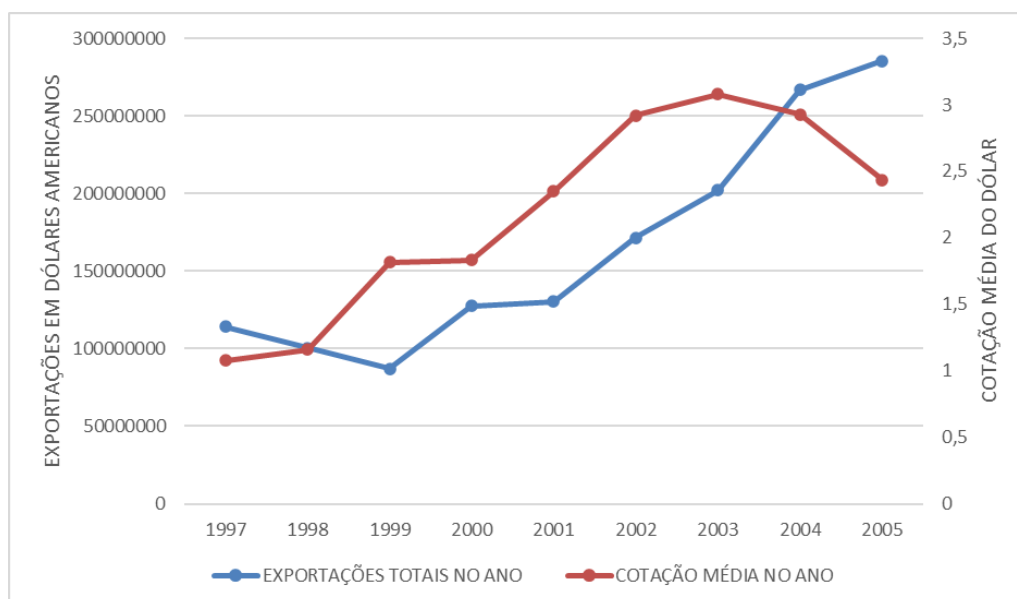
Tabela 2 - Exportações totais de móveis em dólares americanos, a cotação média do dólar americano e a variação percentual das exportações de móveis no ano corrente em relação ao ano base (1997)

ANO	EXPORTAÇÕES TOTAIS NO ANO	COTAÇÃO MÉDIA NO ANO	Variação (%)
1997	\$ 114.154.261,00	\$ 1,08	
1998	\$ 100.613.426,00	\$ 1,16	-12%
1999	\$ 87.106.230,00	\$ 1,81	-24%
2000	\$ 127.539.176,00	\$ 1,83	12%
2001	\$ 130.203.440,00	\$ 2,35	14%
2002	\$ 171.416.078,00	\$ 2,92	50%
2003	\$ 202.231.719,00	\$ 3,08	77%
2004	\$ 266.999.224,00	\$ 2,93	134%
2005	\$ 285.549.204,00	\$ 2,43	150%

Fonte: SIDRA, 2021 e Banco Central do Brasil, 2022.

É possível verificar no Gráfico 1, no eixo principal, a evolução das exportações em dólares americanos e no eixo secundário a cotação média do dólar. Entre 1997 e 2004 enquanto a cotação do dólar aumenta as exportações seguem crescendo. Entre 2004 e 2005 a cotação diminui sendo perceptível à desaceleração do crescimento das exportações. Isso ocorre devido ao fato de que, ao estabelecer o preço de venda no momento do orçamento do produto, as empresas o fazem com uma cotação esperada (e suficiente para bancar seu custo/lucro em reais). Se a cotação diminui abaixo do esperado, o preço do produto se aproxima do custo da produção, forçando as empresas a encarecerem o produto em dólar e muitas vezes a perder mercado para concorrentes com custo de produção mais em conta.

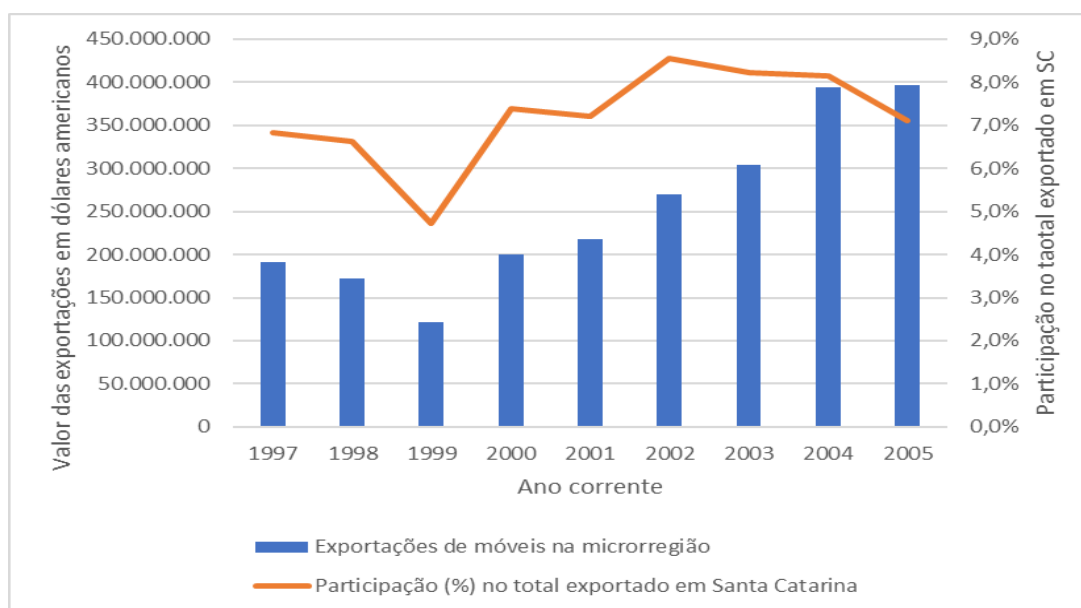
Gráfico 1 - Exportações totais de móveis em dólares americanos e a cotação média do dólar americano no ano corrente



Fonte: Comex Stat, 2022 e Banco Central, 2021.

O Gráfico 2 demonstra no eixo primário o volume total das exportações de móveis na microrregião, no eixo secundário se visualiza a participação dos móveis da microrregião no total exportado por Santa Catarina. Os dados remetem ao período de 1997 a 2005. Nesse período as exportações de móveis na microrregião corresponderam em média 7,2% das exportações totais de Santa Catarina. Tendo a maior participação registrada no ano de 2002 com 8,6% e a menor no ano de 1999 com 4,7%. O ano de 2005 é o maior em dólares nominais, porém, representa 7,1% das exportações do estado, demonstrando que as exportações nesse ano cresceram de uma forma mais desacelerada que é média estadual.

Gráfico 2 – As exportações totais de móveis em dólares americanos e a participação no total exportado em Santa Catarina no ano corrente (1997-2005)



Fonte: Comex Stat, 2022.

No ápice das exportações a microrregião correspondia a uma parcela importante do PIB catarinense, sendo as exportações o impulsionador da economia da microrregião. Os dados do PIB por município estão disponíveis no Sidra a partir do ano de 2002. A Tabela 3 demonstra os dados do PIB da microrregião e a participação no PIB de Santa Catarina. Entre os anos de 2002 e 2005 a microrregião correspondeu em média a 2,4% do PIB do estado de Santa Catarina.

Tabela 3 – O PIB da microrregião em valores reais e a participação no PIB estadual no ano corrente

Ano	PIB Microrregião	Participação no PIB de SC
2002	1.296.769	2,4%
2003	1.536.633	2,4%
2004	1.803.853	2,5%
2005	1.905.078	2,3%

Fonte: Sidra, 2021.

A Tabela 4 demonstra a participação dos setores da economia na composição do PIB da microrregião (MR), do estado (SC) e do Brasil (BR) entre os anos de 2002 e 2005. Neste

período a indústria foi o setor de maior participação no PIB da microrregião, mantendo uma média 42,9%, sendo maior que a média para o setor em Santa Catarina (27,6%) e no Brasil (24%).

Tabela 4 – A participação (%) por setor na composição do PIB da microrregião (MR) de Santa Catarina (SC) e no Brasil (BR) no ano corrente (2002-2005)

Ano	Agropecuaria			Indústria			Serviços			Administração Pública			Impostos		
	MR	SC	BR	MR	SC	BR	MR	SC	BR	MR	SC	BR	MR	SC	BR
2002	5%	9%	5%	41%	27%	22%	31%	39%	43%	11%	12%	14%	12%	13%	15%
2003	5%	9%	6%	43%	27%	23%	30%	39%	43%	10%	11%	14%	12%	13%	14%
2004	4%	8%	6%	45%	29%	24%	30%	39%	42%	10%	11%	13%	11%	13%	15%
2005	5%	7%	5%	43%	27%	24%	30%	40%	42%	11%	11%	14%	11%	14%	15%

Fonte: SIDRA, 2021.

4.3 Processo de desaceleração após crise de 2008

No período da grande crise econômica mundial de 2008, São Bento do Sul se encontrava em uma situação de dependência das exportações de móveis. Segundo Comerlatto (2007) a partir da inserção da indústria moveleira da microrregião no mercado externo muitas empresas direcionavam toda sua produção para as exportações. São elas: Zipperer S.A.; Indústrias Artefama S.A.; Móveis Consular Ltda.; Móveis Katzer Ltda.; Indústria de Móveis Clement Ltda.; Nasa Industrial S.A.; Intercontinental Ind. de Móveis Ltda.; Rudnick S.A. Essa última com 50% da produção exportada. Como já verificado no capítulo 3, indústria moveleira da microrregião era especializada na produção de móveis no estilo colônias, fato que colaborou para a perda de mercado interno. A microrregião de São Bento do Sul sofreu com uma forte desarticulação econômica durante o período da crise econômica mundial de 2008. Indústrias de outros ramos cresceram, mas não conseguiram alterar o ramo impulsionador da economia local.

A Tabela 5 demonstra o total de móveis exportados em dólares americanos entre os anos de 2005 e 2009 e a variação do montante total tendo 2005 como ano base. A partir do ano de 2006, a demanda norte americana é afetada pela desaceleração econômica que atingiu os Estados Unidos até o ápice da crise após a falência do banco Lehman Brothers no ano de 2008. Com o principal destino das exportações em crise, a indústria moveleira da microrregião foi afetada. Em 2009, as exportações de móveis para os Estados Unidos foram 34,2 milhões de dólares, uma queda de 78% em relação ao ápice no ano de 2005 quando o

valor foi de 156,2 milhões de dólares. No mesmo período o número total exportado pela microrregião sofreu uma diminuição de 49,5%, queda impulsionada pela crise no principal destino das exportações.

Tabela 5 - Variação das exportações de móveis em dólares americanos para os estados unidos e entre 2005 e 2009

ANO	TOTAL EXPORTADO	DIMINUIÇÃO (%)
2005	\$ 156.192.938,00	100%
2006	\$ 106.980.204,00	32%
2007	\$ 79.675.583,00	49%
2008	\$ 47.687.518,00	69%
2009	\$ 34.231.995,00	78%

Fonte: Comex Stat, 2022.

A microrregião de São Bento do Sul apresenta um paradigma econômico, muitos economistas afirmam que o caminho do crescimento econômico é a busca por mercados externos, ou melhor, buscar um aumento das exportações a longo prazo e possuir uma balança comercial superavitária. A partir de 2006 a cidade sofre com a queda das exportações que era impulsionada pelas vendas de móveis principalmente para os Estados Unidos. Em 2005 o valor das exportações totais da microrregião chegou a 346 milhões de dólares, a partir de então, há uma forte perda de mercado e em 2009 o valor fica em 200,5 milhões uma diminuição de 42%. Analisando a microrregião fica evidente que somente o número de exportações não asseguram um crescimento econômico a longo prazo. É importante avaliar o tipo de produto que se exporta como, por exemplo, se essa exportação acontece por uma determinada tecnologia, modelo, marca ou patente de produto próprio, ou apenas uma simples oferta cambial mais favorável. Um exemplo são os produtores de móveis italianos que segundo Comerlato (2007) possuem uma diferenciação no produto, pois seus modelos são de características próprias tornando sua demanda muito mais estável.

Uma busca por exportações sem um planejamento pode em longo prazo trazer consequências gravíssimas, até mesmo emergir uma crise econômica como a que atingiu a microrregião em questão. Isso acontece devido ao risco de se atrelar a atividade econômica da microrregião com oscilações de economias as quais não se possui governança. Por mais que o governo local incentive a produção, ela depende das oscilações do mercado externo e cambias, conforme evidenciado entre os anos de 2004 e 2005 no subcapítulo anterior.

No caso da microrregião em análise isso fica ainda mais evidente dado que o seu principal produto exportador não possui patente e nem ao menos associação de marca com o consumidor no exterior. Os compradores no exterior estampam a sua marca no produto final e comercializam com o consumidor que desconhece e não difere o fabricante. Assim os compradores podem decidir com qual fabricante negociar levando em consideração principalmente a cotação do câmbio no momento da compra.

A comercialização com o mercado externo pelas empresas da indústria moveleira na microrregião “depende amplamente, talvez exclusivamente, dos agentes de exportação” (COMERLATTO, 2007). Ainda segundo Comerlatto (2007) em 2005, no ápice das exportações da indústria moveleira da microrregião o Brasil era apenas o décimo primeiro entre os países exportadores do ramo, correspondendo a 1% do total exportado (ANEXO A). O autor pondera que a forma como a indústria moveleira da microrregião está inserida proporciona “poucas possibilidades aos fabricantes locais no sentido da melhora da sua participação na distribuição do excedente gerado pela cadeia” (COMERLATTO, 2007). Para Comerlatto (2007), os empresários locais justificam a perda de mercado externo a concorrência chinesa. Os chineses possuem uma farta disponibilidade de mão de obra a baixo custo e com um bom nível de qualificação, além disso, possuem alta disponibilidade de matéria prima. Em 2005, a China representou 16,4% do total exportado no ramo moveleiro. Historicamente a China possui um planejamento econômico de longo prazo e investe na produção industrial para que seu custo seja o mais baixo do mercado e no ramo moveleiro não é diferente. Porém, esse argumento só pode ser verificado realizando uma ampla pesquisa sobre o comportamento do mercado mundial de móveis o qual não é o enfoque deste trabalho.

Pode-se verificar que a cotação do dólar americano neste período não possui tanta influência na determinação do ritmo das exportações de móveis da microrregião. A Tabela 6 demonstra as exportações totais de móveis em dólares americanos e a cotação média do dólar americano e a variação percentual das exportações de móveis no ano corrente em relação ao ano base (2006). Nota-se que a partir de 2014, com a recuperação da situação cambial mais favorável as exportações, ocorre um novo aumento das exportações de móveis. Porém, nesse período se registra um crescimento muito menor que o registrado entre 1997 e 2005.

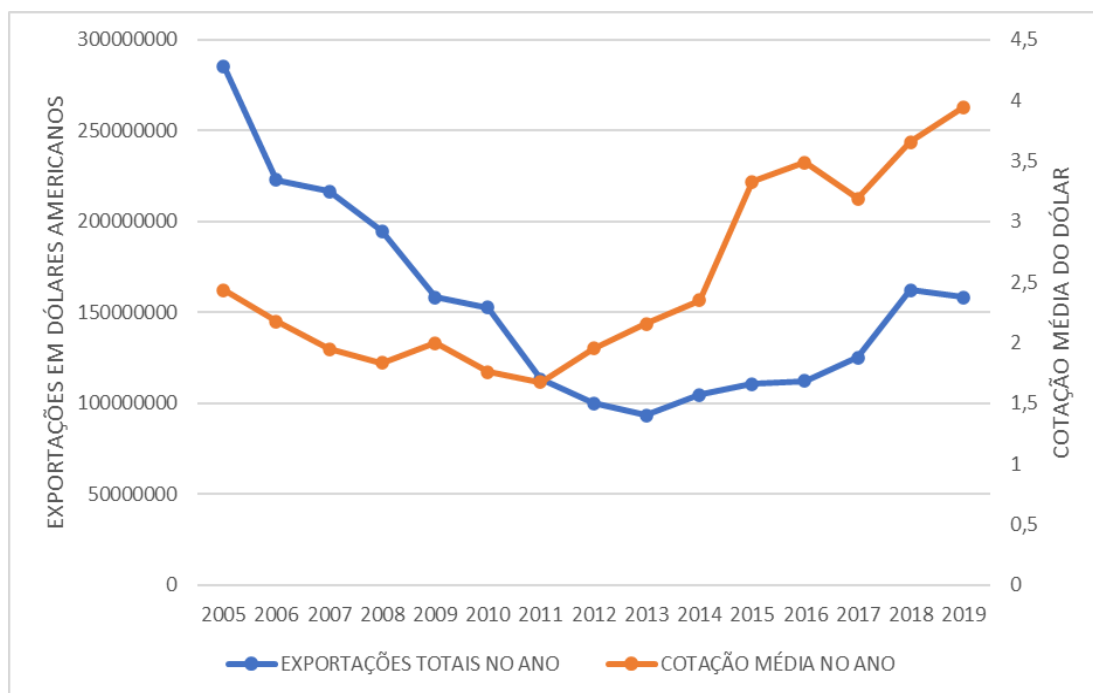
Tabela 6 – Exportações totais de móveis em dólares americanos, a cotação média do dólar americano e a variação percentual das exportações de móveis no ano corrente em relação ao ano base (2006)

ANO	EXPORTAÇÕES TOTAIS NO ANO	COTAÇÃO	VARIAÇÃO (%)
2005	\$ 285.549.204,00	\$ 2,43	
2006	\$ 222.843.672,00	\$ 2,18	-22%
2007	\$ 216.662.858,00	\$ 1,95	-24%
2008	\$ 194.874.225,00	\$ 1,83	-32%
2009	\$ 158.507.307,00	\$ 2,00	-44%
2010	\$ 152.857.641,00	\$ 1,76	-46%
2011	\$ 113.407.254,00	\$ 1,68	-60%
2012	\$ 100.214.110,00	\$ 1,96	-65%
2013	\$ 93.556.487,00	\$ 2,16	-67%
2014	\$ 104.789.556,00	\$ 2,35	-63%
2015	\$ 110.781.101,00	\$ 3,33	-61%
2016	\$ 112.281.221,00	\$ 3,49	-61%
2017	\$ 125.236.819,00	\$ 3,19	-56%
2018	\$ 162.199.581,00	\$ 3,66	-43%
2019	\$ 158.457.397,00	\$ 3,95	-45%

Fonte: SIDRA, 2021 e Banco Central do Brasil, 2021.

O Gráfico 3 demonstra as no eixo principal as exportações totais de móveis em dólares americanos e no eixo secundário a cotação média do dólar no ano corrente. O período analisado é de 2005 a 2019. Analisando o gráfico se verifica que o ritmo das exportações de móveis não acompanhou o aumento da cotação favorável as exportações.

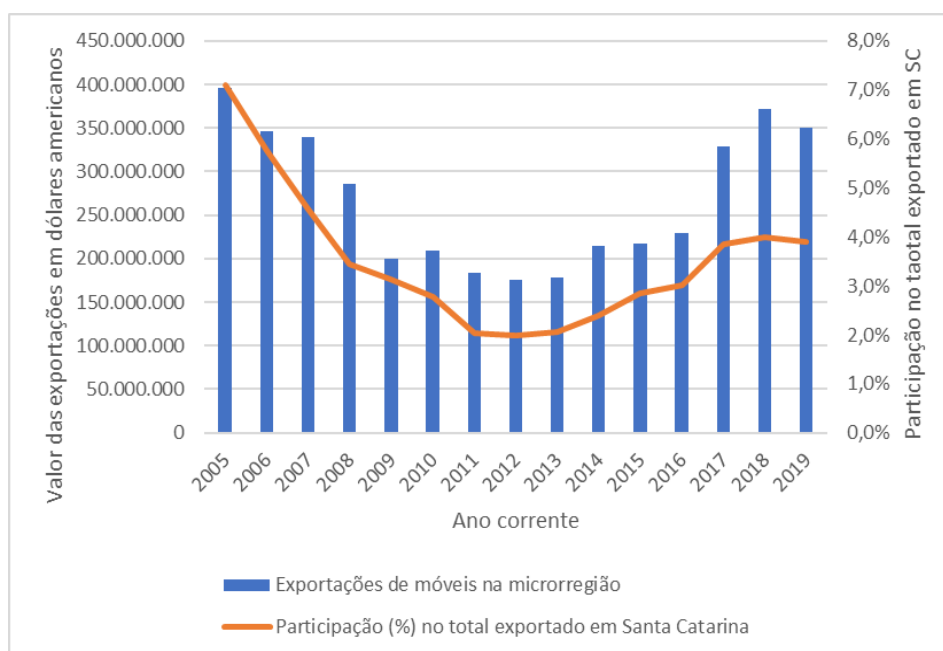
Gráfico 3 – Exportações totais de móveis em dólares americanos e a cotação média do dólar americano no ano corrente



Fonte: Comex Stat, 2022 e Banco Central 2021.

Como evidenciado no subcapítulo anterior as exportações de móveis entre 1997 a 2005 representaram em média 7,2% das exportações totais de Santa Catarina. Entre 2005 a 2013 as participações dos móveis da microrregião no total exportado em Santa Catarina caíram bruscamente. O Gráfico 4 demonstra no eixo primário o volume total das exportações de móveis na microrregião, no eixo secundário se visualiza a participação dos móveis da microrregião no total exportado por Santa Catarina. Em 2005 as exportações dos móveis da microrregião corresponderam a 7,1% do total exportado em 2013 esse índice foi de 2,1%, sem ultrapassar os 4,0% até 2019. Demonstrando que apesar de ainda ser um importante componente na balança comercial do estado, a participação das exportações de móveis diminuiu drasticamente no total exportado em Santa Catarina.

Gráfico 4 – As exportações totais de móveis em dólares americanos e a participação no total exportado em Santa Catarina no ano corrente (2005-2019)



Fonte: Comex Stat, 2022.

Além da diminuição da participação das exportações de móveis no total exportado, a queda das exportações de móveis afetarem a participação do PIB da microrregião no PIB estadual. Os dados da Tabela 7 demonstram o PIB da microrregião em valores reais e a participação percentual no PIB estadual no ano corrente entre os anos de 2006 a 2019. Em 2006 a participação percentual no PIB de Santa Catarina era 2,2% e em 2019 apenas 1,6%. A microrregião correspondeu em média a 1,8% do PIB do estado de Santa Catarina, a participação da Microrregião no PIB (Produto Interno Bruto) do estado vem diminuindo, apesar do aumento do PIB em valores nominais, ele não acompanha o ritmo de crescimento do estado.

Tabela 7 – O PIB da microrregião em valores reais e a participação no PIB estadual no ano corrente.

ANO	PIB da microrregião	Participação no PIB de SC
2006	2014245	2,2%
2007	2093087	2,0%
2008	2311100	1,9%
2009	2357385	1,8%
2010	2743148	1,8%
2011	3266412	1,9%
2012	3532465	1,8%
2013	3838041	1,8%
2014	4458182	1,8%
2015	4150469	1,7%
2016	4040372	1,6%
2017	4543910	1,6%
2018	4847516	1,6%
2019	5115705	1,6%

Fonte: SIDRA, 2021.

A Tabela 8 demonstra a participação dos setores da economia na composição do PIB da microrregião (MR), do estado (SC) e do Brasil (BR) entre os anos de 2006 a 2019. Analisando a composição do PIB da microrregião, se verifica que a participação da Indústria diminuiu. No ano de 2006 a participação da indústria no PIB da Microrregião era de 44% e no ano de 2019 foi de 34%. O Setor de serviços foi o que mais subiu, sendo registrada uma participação de 30% no ano de 2004 e 37% no ano de 2019. Esse fenômeno é acompanhado por Santa Catarina e toda economia brasileira, demonstrando uma tendência de desindustrialização.

Tabela 8 – A participação (%) por setor na composição do PIB da microrregião (MR) de Santa Catarina (SC) e no Brasil (BR) no ano corrente (2002-2005)

Ano	Agropecuária			Indústria			Serviços			Administração Pública			Impostos		
	MR	SC	BR	MR	SC	BR	MR	SC	BR	MR	SC	BR	MR	SC	BR
2006	4%	6%	4%	44%	28%	24%	30%	41%	43%	11%	11%	14%	11%	14%	15%
2007	4%	6%	4%	44%	30%	23%	29%	39%	44%	13%	11%	14%	11%	14%	15%
2008	4%	7%	5%	41%	28%	23%	31%	39%	43%	13%	11%	14%	11%	14%	16%
2009	6%	7%	4%	38%	27%	22%	31%	41%	45%	14%	12%	15%	11%	14%	14%
2010	6%	6%	4%	37%	28%	23%	32%	40%	44%	13%	11%	14%	12%	15%	15%
2011	5%	5%	4%	40%	28%	23%	31%	40%	44%	12%	11%	14%	12%	16%	15%
2012	5%	5%	4%	41%	27%	22%	31%	42%	45%	12%	11%	14%	11%	16%	15%
2013	4%	6%	5%	41%	26%	21%	31%	41%	46%	13%	11%	14%	11%	16%	15%
2014	4%	5%	4%	41%	26%	20%	33%	43%	47%	12%	11%	14%	11%	16%	14%
2015	4%	5%	4%	37%	24%	19%	34%	44%	48%	14%	11%	15%	11%	16%	14%
2016	4%	6%	5%	34%	23%	18%	35%	44%	48%	15%	12%	15%	11%	15%	14%
2017	4%	5%	5%	35%	23%	18%	35%	44%	48%	15%	12%	15%	11%	16%	14%
2018	3%	5%	4%	35%	22%	19%	36%	44%	48%	14%	12%	15%	11%	17%	14%
2019	3%	5%	4%	34%	22%	19%	37%	44%	48%	14%	12%	15%	11%	17%	14%

Fonte: Sidra, 2021.

Outro aspecto importante para a análise é que os dados do emprego e renda na microrregião. Segundo os dados do SEBRAE (2017) o setor de serviços possuía em 2016, 1.831 empresas, empregando 9,176 trabalhadores tendo uma média de 5 funcionários por estabelecimento. Já a indústria empregava no mesmo ano 19.324 trabalhadores em 841 empresas, uma média de 23 funcionários por estabelecimento. O setor moveleiro ainda é o que mais emprega no município, tendo 15% dos empregos na cidade, seguido da Administração pública em geral (7,6%) e o Transporte rodoviário de carga, exceto produtos perigosos e mudanças, intermunicipal, interestadual e internacional (6,2%) (Anexo B).

Os índices demonstrados até aqui evidenciam que a microrregião é dependente do ramo moveleiro e as suas exportações. Evidenciada a influência das exportações na renda (PIB) e no emprego local, podemos analisar as mudanças que ocorreram tanto na participação das exportações quanto nas importações no período de 2005 a 2019. Os índices apresentados anteriormente remetem a reafirmação da importância do setor moveleiro e as suas consequências na economia da microrregião pesquisada. Por agora, será necessário se aprofundar nos dados de exportações e importações para que possamos entender as modificações no produto exportado. Até agora remetemos a uma análise dos móveis

exportados pela microrregião. Porém, a partir da crise internacional, outros componentes aparecem com peso importante nas exportações.

Se nos resumíssemos a analisar as exportações da microrregião nos últimos dois anos poderíamos concluir que existe uma recuperação econômica na microrregião e que o setor moveleiro está se recuperando. Somente as exportações de móveis cresceram 31% em 2021 comparado ao ano anterior e o total exportado é de 190,9 milhões de dólares, número que a mais de uma década não era registrada na microrregião. Porém, é importante ressaltar que os efeitos da pandemia do COVID-19 trazem uma nova dinâmica nas exportações. Isso ocorre pelo fato de que enquanto muitos países praticamente fecharam suas economias com as restrições sanitárias, o Brasil incentivou a normalidade econômica. Na China, principal exportador do ramo moveleiro, inúmeras sanções obrigaram o fechamento das fábricas para conter o avanço do Coronavírus no país asiático em 2020, 2021 e 2022. Na microrregião catarinense não foi registrado fechamento de fábricas por restrição sanitária no enfrentamento da pandemia. Além disso, os efeitos da pandemia causaram uma grande crise nos transportes marítimos, quando não cancelados os pedidos atrasavam por meses, principalmente os de origem asiática, transferindo a demanda para outros países sem com que o preço do produto fosse o principal determinante para as exportações.

Esse choque de demanda é um efeito isolado, como já foi contextualizado no presente trabalho, existe uma grande facilidade dos compradores no estrangeiro em trocar de fabricante, dado que, são eles que estampam a marca no produto e possuem os desenhos de fabricação. Com a produção e o transporte da Ásia afetados, os compradores substituíram os fornecedores asiáticos por brasileiros.

Para efeito de perspectivas será utilizado como embasamento o movimento ocorrido na última década, excluindo o ano de 2020 onde o choque de oferta ocorreu e vamos analisar o comportamento das exportações desde a crise econômica mundial até a última década. É perceptível que nos anos de 2011 a 2019 ocorreu uma mudança na dinâmica exportadora da microrregião, principalmente entre 2013 até 2018 onde as exportações da microrregião aumentaram. A crise impõe uma nova condição e o leve aumento das exportações é acarretado por um novo ciclo das exportações. O nível das exportações aumenta, mas ocorre uma diminuição da participação dos móveis no volume exportado. No ano de 2009 os móveis representavam 79,1% enquanto no ano de 2017 esse número é de apenas 38,1%. Um novo componente aparece, até então, as exportações eram de madeiras transformadas pela indústria moveleira, agora a madeira é exportada para a transformação no país importador. De acordo

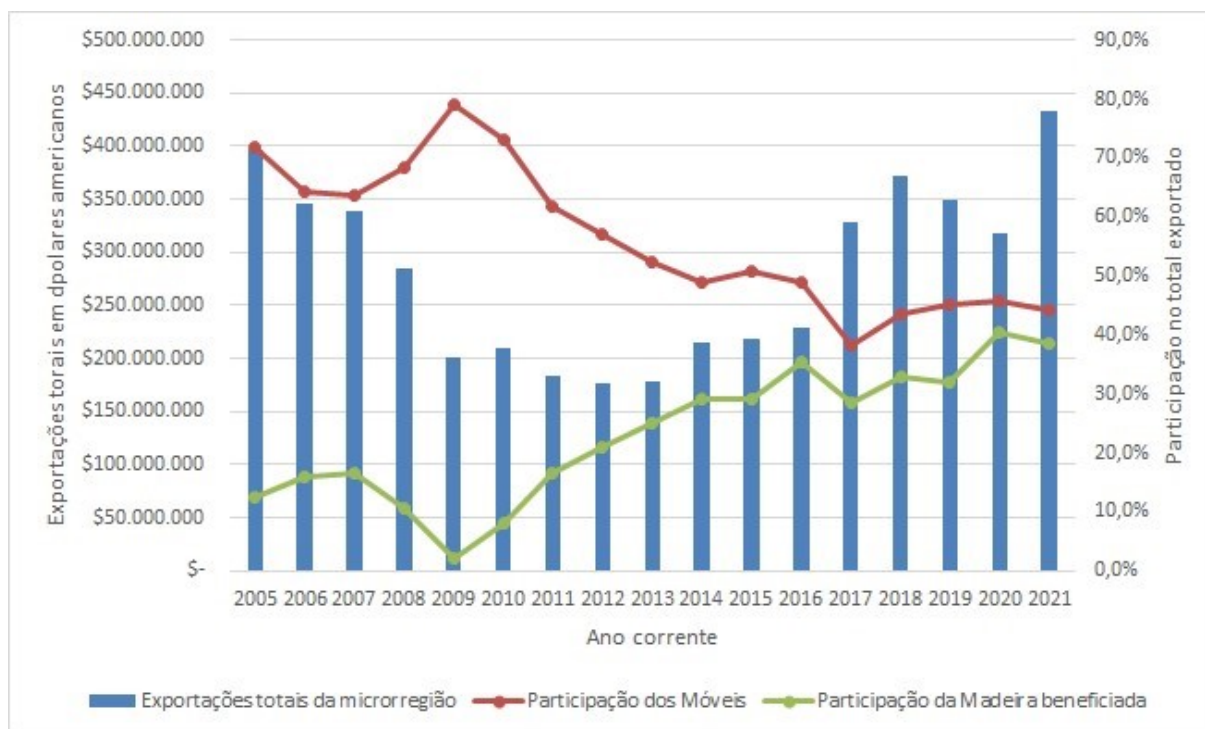
com os dados obtidos pela Comex Stat e as suas classificações dos produtos exportados, é perceptível o aumento das exportações dos itens com a seguinte classificação:

- “Madeira serrada ou endireitada longitudinalmente, cortada ou desenrolada, mesmo aplainada, polida ou unida pelas extremidades, de espessura superior a 6 mm”;
- “Madeira (incluídos os tacos e frisos para soalhos, não montados) perfilada (com espigas, ranhuras, filetes, entalhes, chanfrada, com juntas em V, com cercadura, boleada ou semelhantes) ao longo de uma ou mais bordas, faces ou extremidades, mesmo aplainada”;
- “Lenha em qualquer estado, madeira em estilhas ou em partículas; serradura, desperdícios e resíduos de madeira, mesmo aglomerados em bolas, briquetes, pellets ou em formas semelhantes”;
- “Obras de carpintaria para construções, incluídos os painéis celulares, os painéis para soalhos e as fasquias para telhados (shingles e shakes), de madeira”

Esses tipos de madeira somados representaram em 2017, 28,6% das exportações da microrregião. Até a década de 2000 esses produtos eram utilizados na produção local, dada a globalização da produção moveleira e a perda de mercado externo, essa matéria prima é exportada, forçando até a importação da Argentina pelos produtores locais. Ou seja, é mais vantajoso exportar a matéria prima para o exterior do que comercializar com a produção local. Essa madeira passa por um beneficiamento antes da exportação sem muita complexidade. Porém, o problema que o aumento da exportação desses 4 tipos de madeira ocorre em detrimento à exportação de móveis.

Para melhor visualização dos dados obtidos, a partir de agora somamos as exportações dos 4 tipos de madeira listados anteriormente e classificamos como um único grupo intitulado “Madeira beneficiada”. O Gráfico 5 demonstra no eixo principal a evolução das exportações totais da microrregião e no eixo secundário a evolução da participação percentual da madeira beneficiada (verde) e dos móveis (vermelho), evidenciando a evolução da exportação de um em detrimento do outro.

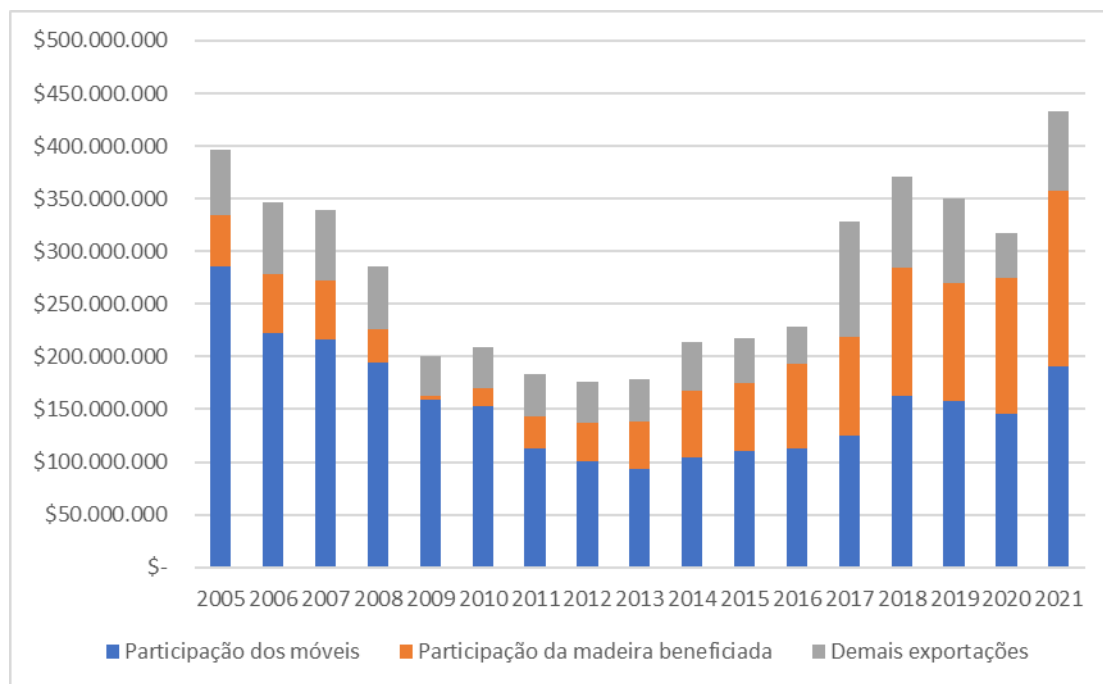
Gráfico 5 – As exportações totais da microrregião no ano corrente e a participação dos móveis e da Madeira Beneficiada (2005-2021)



Fonte: Comex Stat, 2022.

O Gráfico 6 demonstra em barras o total exportado pela microrregião dividido em três subgrupos: participação dos móveis; participação da madeira beneficiada; demais exportações.

Gráfico 6 – As exportações totais da microrregião no ano corrente e a participação dos móveis e da Madeira Beneficiada (2005-2021)



Fonte: Comex Stat, 2022.

O ano de 2009 foi o maior em participação dos móveis na exportação da microrregião correspondendo a 79,1% sendo que no mesmo ano a madeira beneficiada corresponde apenas a 2,2%. A participação dos móveis nas exportações diminuiu até o ano de 2014 com uma leve recuperação nos anos seguintes. Porém, a participação da madeira beneficiada seguiu aumentando, com algumas oscilações, até atingir 40,6% e 38,5% nos anos de 2020 e 2021 em detrimento das exportações de móveis que obtiveram uma participação de 45,9% e 44,1% nos respectivos anos. O maior destino das exportações de madeira beneficiada exportada no ano de 2021 eram os seguintes países: Estados Unidos 85,8 milhões de dólares representando (51,5% do total); México com 21,1 milhões (12,7%); Guatemala com 14,9 milhões (9,0%); Arábia Saudita com 11,5 milhões (6,9%); e a Itália com 6,8 milhões (4,1%). Todos esses países são produtores de móveis.

São destaques entre os demais produtos exportados os itens listados abaixo:

- Outros tubos e perfis ocios (por exemplo: soldados, rebitados, agrafados ou com os bordos simplesmente aproximados), de ferro ou aço;
- Roupas de cama, mesa, toucador ou cozinha;

- Vassouras e escovas, mesmo constituindo partes de máquinas, de aparelhos ou de veículos, vassouras mecânicas de uso manual, exceto as motorizadas, espanadores; cabeças preparadas para escovas, pincéis e artigos semelhantes; bonecas e rolos para pintura;
- Louça, outros artigos de uso doméstico e artigos de higiene ou de toucador, de cerâmica, exceto de porcelana;
- Suportes elásticos para camas; colchões, edredões, almofadas, pufes, travesseiros artigos semelhantes, equipados com molas ou guarnecidos interiormente de quaisquer matérias, compreendendo esses artigos de borracha ou de plástico alveolares;

Os itens foram listados conforme a classificação feita pela Comex Stat. Somado as exportações desses itens representam 26% do total exportado pelo município de São Bento do Sul no ano de 2021 correspondendo a um montante de 53,8 bilhões de dólares americanos. Essas exportações correspondem a um pequeno grupo de empresas de diferentes ramos como, por exemplo, a Tuper responsável pela exportação de “outros tubos e perfis ocos (por exemplo: soldados, rebitados, agrafados ou com os bordos simplesmente aproximados), de ferro ou aço”. Em 2005 o setor exportou 6,4 milhões de dólares correspondendo a 1,5% das exportações da microrregião, em 2011 esse número foi de 9,4 milhões de dólares equivalentes a 5,1% do total exportado, mantendo uma média de 9,6% até o ano de 2021. Porém, este ramo possui uma alta volatilidade nas exportações sendo que neste mesmo período no ano de 2016 foram exportados 5,7 milhões de dólares e no ano seguinte 70,3 milhões de dólares correspondendo a 2,5% e 21,4% respectivamente do total exportado. Outro grupo de produtos exportados é o de “Roupas de cama, mesa, toucador ou cozinha” que possui a Buddemayer, a qual se intitula líder no segmento de cama, mesa e banho. A Oxford produtora de louças sofisticadas e também a Condor, empresa de produtos de higiene corresponde aos outros grupos de produtos destacados.

No presente trabalho até aqui analisamos os dados das exportações com valores em dólares americanos nominais, baseado nos dados obtidos pela Comex Stat. No entanto, agora vamos comparar os dados do comercio exterior com o PIB da microrregião. Porém, é difícil mensurar esse valor sendo que o PIB está contabilizado em reais e as exportações em dólares, dado que a cotação muda todos os dias. Poderíamos utilizar como base a cotação média do ano corrente. Porém, correríamos o risco de estar enviesando a análise. Desta forma vamos

utilizar os dados do comércio externo disponibilizados pelo SEBRAE na série “São Bento do Sul em números” publicados em 2010, 2013 e 2017 com valores em reais. Porém, esse índice está disponibilizado com dados até 2016. A Tabela 9 apresenta os dados do PIB, exportações, importações e saldo da balança comercial de São Bento do Sul, dados de 2005 a 2016. Para a demonstração das exportações, importações e dos saldos da balança comercial, foi acrescentado uma coluna que calcula o percentual do índice em relação ao PIB do município mensurando o peso do índice na economia da cidade.

Tabela 9 – O PIB de São Bento do Sul e a balança comercial.

ANO	PIB	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		SALDO	
	Valor R\$	Valor R\$	%PIB	Valor R\$	%PIB	Valor R\$	%PIB
2005	1.279.468	261.404	20%	25.267	2%	236.137	18%
2006	1.358.676	203.134	15%	23.108	2%	180.025	13%
2007	1.432.195	188.131	13%	36.031	3%	152.100	11%
2008	1.570.200	162.705	10%	38.757	2%	123.948	8%
2009	1.595.372	133.501	8%	48.868	3%	84.633	5%
2010	1.889.164	141.480	7%	70.903	4%	70.577	4%
2011	2.265.017	123.129	5%	88.956	4%	34.173	2%
2012	2.496.922	113.851	5%	91.196	4%	22.655	1%
2013	2.690.098	112.329	4%	58.901	2%	53.428	2%
2014	3.129.774	131.594	4%	78.928	3%	52.666	2%
2015	2.828.572	135.621	5%	73.573	3%	62.048	2%
2016	2.652.536	124.969	5%	30.540	1%	94.429	4%

FONTE: SIDRA, 2021 e SÃO BENTO DO SUL EM NÚMEROS, Ed.: 2010,2013,2017. (1.000x).

Na cidade de São Bento do Sul em 2005 as exportações correspondiam a 261,2 milhões de reais, as importações 25,3 milhões, resultando no saldo de 236,1 milhões de reais. Neste mesmo ano o PIB do município era de 1,2 bilhões, ou seja, as exportações de São Bento do Sul eram iguais a 20% do PIB municipal, enquanto o saldo da balança comercial era igual a 18%. Quatro anos depois, em 2009 (um ano após o início da grande crise mundial), as exportações de São Bento do Sul eram iguais a 8% do PIB do município, enquanto o saldo da balança comercial era igual a 5%, em 2011 esse número chega a 2%. Após a grande crise as exportações têm um peso muito menor, em 2016, último ano que se tem dados em reais, as exportações de São Bento do Sul eram iguais a 5% do PIB da cidade, enquanto o saldo da

balança comercial é igual a 4%. Fica evidente que até 2005 as exportações eram um importante componente do PIB, em 2016 esse cenário se altera.

O saldo da balança comercial também foi afetado por um aumento das importações. Em 2012 o pequeno saldo se dá pela aquisição de máquinas importadas da Itália, que corresponderam a 21,5% das importações totais da microrregião no ano. Chama atenção o fato de que entre 2005 e 2008 muitas empresas tiveram de demandar matéria prima do exterior, mais precisamente da Argentina, prejudicando a rentabilidade do setor na microrregião, fator que sempre impulsionou a indústria moveleira de São Bento do Sul pela abundância da madeira de melhor qualidade na região. Durante os anos de 2005 a 2008 as importações da Argentina representaram uma média de 22,1% do total importado na microrregião. No entanto, este movimento foi temporário, sendo que nos anos entre 2011 e 2021 as importações da Argentina representaram uma média de 2,6% do total importado pela microrregião.

Fazendo uma revisão literária de CORMELATO (2007) e KASEMODEL (1990) entendesse que esse movimento se dá pelo fato de que na microrregião existe abundância de pinus, e isso impulsionou a demanda com compradores que possuem preferência e exigem selo de reflorestamento. Mas, quando se demanda outras madeiras mais sofisticadas, a microrregião adquire matéria prima de outras cidades principalmente de Santa Catarina, Argentina, Paraná entre outros estados e até da Floresta Amazônica. Acontece que com a globalização e a facilidade de exportar a matéria prima, a concorrência do exterior acaba por interferir no preço da madeira local. Se no início da industrialização moveleira na microrregião a matéria prima local era abundante, agora ela está inserida no comércio exterior afetando o preço de mercado.

Primeiramente a microrregião viveu um ciclo de prosperidade econômica nos anos 90 com a expansão das exportações do setor moveleiro. Após esse período, a microrregião sofre um ciclo de recessão com a queda das exportações a partir de 2006. Até 2010 o ciclo de depressão tem efeito oriundo da perda de mercado externo, refletido na queda pela metade do nível de exportação em relação ao período de prosperidade, empresas faliram e trabalhadores perderam seus empregos. A partir de 2012 é notada uma estabilização e nos anos seguintes uma leve recuperação, deixando a economia local com uma participação (no PIB e nas exportações) estadual menor que as verificadas antes da crise de 2008.

Como verificado anteriormente, as exportações de móveis aumentaram durante os anos de 2020 e 2021, podendo indicar uma leve recuperação da indústria moveleira. Porém, esse aumento não deve ser sustentado a longo prazo, dado que o aumento das exportações

ocorreu pelo fato de as economias asiáticas estarem atravessando crises econômicas devido o enfrentamento da pandemia do Coronavírus.

5 CAPÍTULO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se analisar os movimentos que impulsionaram a formação e evolução da indústria moveleira na microrregião de São Bento do Sul, bem como o comportamento das exportações, especialmente a partir da crise econômica mundial de 2008.

Verificou-se que Santa Catarina possuiu movimentos internos que impulsionaram o processo de industrialização em setores específicos por diversas regiões do estado. Neste caso, destaca-se que as políticas industrializantes do Governo Federal que buscaram diversificar a produção nacional (em especial após o ciclo cafeeiro) também favoreceram a indústria catarinense, cujo processo de industrialização foi acelerado diante da franca expansão do mercado nacional, fazendo com que o estado transitasse, entre 1945 e 1962, de um padrão de crescimento mercantil para o industrial.

A microrregião de São Bento do Sul também fez parte desse processo. Primeiramente se desenvolvem as pequenas serrarias e marcenarias desde a colonização local através do reaproveitamento dos rejeitos de madeira obtidos na extração da erva-mate. Essas produções possuíam características artesanais e se desenvolveram passando a atividade de pai para filho, como se pode destacar a família Zipperer, pioneira na fabricação de móveis da microrregião.

Com a expansão da atividade industrial brasileira e o Plano Nacional de Habitação, a indústria moveleira da microrregião se fortaleceu no mercado nacional, inclusive iniciando sua expansão para o mercado externo. Na verdade, a inserção no mercado externo ocorreu após a queda da demanda interna provocada pela crise inflacionária do Brasil na década de 1980 e a mudança na preferência do consumidor brasileiro que desestimulava a procura pelo móvel de estilo colonial, que até então era a especialidade da indústria moveleira da microrregião. Com isso, a indústria moveleira dessa região destinou a maior parte de sua produção para o mercado externo, sempre procurando atender as exigências dos compradores no exterior, os quais priorizavam produtos oriundos da madeira reflorestada (pinus) e as estufas de secagem. Desta maneira, nota-se que os compradores passaram a determinar o preço da mercadoria e os modelos, além de estamparem suas marcas no produto, fazendo com não haja mais distinção do fabricante para o consumidor final.

A microrregião sofreu uma grande mudança na dinâmica econômica devido à queda das exportações do setor moveleiro após a crise econômica mundial de 2008. Diante da globalização da cadeia produtiva de móveis e da crise no comércio externo, chama atenção o

comportamento e a composição das exportações da microrregião de São Bento do Sul. Os móveis perdem espaço na participação do total exportado pela microrregião e se observa um aumento na exportação da madeira beneficiada para a industrialização no mercado externo, procedimento que levou à desarticulação do setor moveleiro que estava estabelecido nas cidades de Rio Negrinho, São Bento do Sul e Campo Alegre. Assim como a economia brasileira que se caracteriza como exportadora de matéria prima, a microrregião passa a exportar a matéria prima para transformação no exterior. Exemplo desse processo pode ser observado na cidade de Rio Negrinho, uma vez que no ano de 2021 a madeira beneficiada respondia por 85% das exportações enquanto os móveis por apenas 14%.

Embora apontando os principais elementos do processo de desestruturação da indústria moveleira, o estudo apresentou algumas limitações, particularmente no que diz respeito aos dados sobre a participação das exportações no faturamento das empresas nos anos recentes, bem como a falta de dados do emprego por atividade ocupacional e do nível salarial das mesmas. Assim, para futuros estudos sobre a situação econômica da microrregião e, particularmente sobre a indústria moveleira, é importante acompanhar se o comportamento das exportações poderá reverter a tendência de reprimarização da economia regional, de tal que as principais empresas do setor voltem a produzir e exportar móveis fabricados e não madeira para ser transformada no exterior.

REFERÊNCIAS

BOSSLE, Ondina Pereira. **História da industrialização catarinense**: das origens a integração no desenvolvimento brasileiro. Rio de Janeiro: Fiesc, 1988. 155 p.

BRANCALEONE, Juraci Paulo. **A dinâmica e a complexificação urbana de São Bento do Sul pólo industrial moveleiro**. 1999. 256 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Geografia, Departamento de Geociências, Ufsc, Florianópolis, 1999. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/81327>. Acesso em: 25 jun. 2022.

CÁRIO, Silvio Antonio Ferraz; DENK, Adelino. Capacitação Tecnológica e Condições Competitivas do Cluster Moveleiro da Região de São Bento do Sul-SC. In: ENANPAD, 1., 2003, Maringá. **Artigo**. [S.L.]: Anpad, 2003. p. 1-16. Disponível em: http://www.anpad.org.br/eventos.php?cod_evento=1&cod_edicao_subsecao=48&cod_evento_edicao=7&cod_edicao_trabalho=1604#. Acesso em: 16 jul. 2022.

COMERLATTO, Lairton Marcelo. **Processos locais e dinâmicas mundiais**: estudo sobre a indústria de móveis de São Bento do Sul (SC) na perspectiva das cadeias mercantis globais. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Economia, Departamento de Economia e Relações Internacionais, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90583>. Acesso em: 07 jul. 2022.

COMEX STAT, Exportação e Importação Municípios. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio%20http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>

FERREIRA, Luiz Mateus da Silva. **Terra, trabalho e indústria na colônia de imigrantes Dona Francisca (Joinville), Santa Catarina, 1850-1920**. 2019. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2019.tde-19082019-135708. Acesso em: 09 jul. 2022.

FICKER, Carlos. São Bento do Sul - Subsídios para sua História, Imprensa Ipiranga, Joinville, 1973.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010

GIL, Antônio Carlos. **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias**. Atlas, 2000.

GOULARTI FILHO, A. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis (SC): Cidade Futura, 2002.

HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí**: o modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: Furb, 1987. 334 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produto Interno Bruto dos Municípios. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5938#notas-tabela>. Acesso em: 24 jun. 2022.

KAESEMODEL, Maria Salete Munhoz. **A indústria moveleira em São Bento do Sul-SC. 1990.** 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Geografia, Departamnto de Geociencias, Ufsc, Florianópolis, 1990. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/75617>. Acesso em: 05 jul. 2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** São Paulo: Atlas, 1986

MATOS, Fernando Marcondes de. **A industrialização catarinense: análise e tendências.** Florianópolis: Ufsc, 1968. 152 p.

MUNHOZ, D. G. **Economia aplicada: técnicas de pesquisa e análise econômica.** Brasília: Universidade de Brasília, 1989

SEBRAE. Caderno de desenvolvimento: São Bento do Sul, 2017. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/municipios/sc/m/Sao%20Bento%20do%20Sul%20%20Cadernos%20de%20Desenvolvimento.pdf>. Acesso em 07 jul. 2022.

SEBRAE. São Bento do Sul em números, 2010. Disponível em: <http://www.sebrae-sc.com.br/scemnumero/arquivo/sao-bento-do-sul.pdf>. Acesso em 09 jul. 2022

SEBRAE. São Bento do Sul em números, 2013. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Relat%C3%B3rio%20Municipal%20-%20S%C3%A3o%20Bento%20do%20Sul.pdf>. Acesso em 26 de setembro de 2019.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987

TWARDOWSKY, Ana Cristina; BANDEIRA, Dione da Rocha; GUEDES, Sandra Pascoal Leite de Camargo. Um UM OLHAR PARA O ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS SAMBAQUIS URBANOS DE JOINVILLE. **Revista Escritas**, [S.L.], v. 13, n. 02, p. 137-155, 2 mar. 2022. Universidade Federal do Tocantins. <http://dx.doi.org/10.20873/vol13n02pp137-155>. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/11659>. Acesso em: 22 jun. 2022.

ANEXO A – Exportações do mercado mundial de móveis

Tabela 2 – Exportações do mercado mundial de móveis entre 2001 e 2005: principais países (US\$ milhões)

País	2001		2002		2003		2004		2005		Var. Exp. Liq. 2001-2005
	Exp. Brutas	Export. Liq.	Exp. Brutas	Export. Liq.	Exp. Brutas	Export. Liq.	Exp. Brutas	Export. Liq.	Exp. Brutas	Export. Liq.	
1- China	5.062	4.825	6.680	6.387	9.035	8.509	12.619	11.951	16.572	15.956	231%
2- Itália	8.493	7.507	8.810	7.745	9.896	8.562	11.379	9.528	10.538	8.624	15%
3- Polónia	2.492	2.090	2.874	2.442	3.872	3.254	4.934	4.192	5.551	4.683	124%
4- México	3.289	2.096	3.406	2.281	3.723	2.604	4.187	2.993	4.560	3.286	57%
5- Indonésia	1.424	1.413	1.512	1.496	1.570	1.543	1.669	1.624	1.856	1.791	27%
6- Malásia	1.383	1.275	1.488	1.314	1.614	1.420	1.902	1.601	2.025	1.683	32%
7- Dinamarca	1.890	1.186	2.004	1.282	2.399	1.476	2.677	1.663	2.651	1.508	27%
8- Tailândia	865	805	961	891	1.044	955	1.204	1.070	1.280	1.126	40%
9- Rep. Tcheca	908	556	1.074	663	1.270	741	1.572	856	1.903	1.046	88%
10- Canadá	4.701	1.770	4.750	1.709	4.906	1.596	5.383	1.278	5.642	1.028	-42%
11- Brasil	490	338	538	418	670	563	951	802	1.002	839	148%
12- Taiwan, Prov. Da China	1.282	1.037	1.171	933	1.164	909	1.220	875	1.223	837	-19%
13- Roménia	500	420	615	516	788	648	1.035	839	1.126	833	98%
14- Eslovénia	638	500	721	560	879	672	1.099	793	1.251	789	58%
15- Hungria	619	355	680	338	825	399	946	415	915	389	10%
Total do Restante	38.836		39.531		46.648		48.235		42.757		
Total	72.873		76.813		90.340		101.010		100.851		

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos no site do UNCTAD/ITC (www.intracen.org). Acesso em 20/02/2007.

ANEXO B – Atividades que mais empregam no município

Tabela 16 – Atividades que mais empregam no município

<i>Atividade</i>	<i>Nº de empregos</i>	
<i>Fabricação de móveis com predominância de madeira</i>	6.222	15,4%
<i>Administração pública em geral</i>	3.077	7,6%
<i>Transporte rodoviário de carga, exceto produtos perigosos e mudanças, intermunicipal, interestadual e internacional</i>	2.500	6,2%
<i>Fabricação de produtos cerâmicos não-refratários não especificados anteriormente</i>	2.098	5,2%
<i>Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - supermercados</i>	1.660	4,1%
<i>Produção de tubos de aço com costura</i>	1.329	3,3%
<i>Fabricação de escovas, pincéis e vassouras</i>	997	2,5%
<i>Fabricação de artefatos têxteis para uso doméstico</i>	862	2,1%
<i>Preparação e fiação de fibras de algodão</i>	856	2,1%
<i>Locação de mão-de-obra temporária</i>	844	2,1%
<i>Demais atividades</i>	19.866	49,3%

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego/RAIS